



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
GRUPO DE PESQUISA EM COMPORTAMENTO POLÍTICO

HEITOR MARINHO DA SILVA ARAÚJO

**“UM HOMEM TAMBÉM CHORA”: SEXISMO E MASCULINIDADE
PRECÁRIA FRENTE A SITUAÇÕES CONTRANORMATIVAS DE GÊNERO**

João Pessoa – PB

Março / 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
GRUPO DE PESQUISA EM COMPORTAMENTO POLÍTICO

“UM HOMEM TAMBÉM CHORA”: SEXISMO E MASCULINIDADE
PRECÁRIA FRENTE A SITUAÇÕES CONTRANORMATIVAS DE GÊNERO

Dissertação apresentada para qualificação
no Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Social da Universidade Federal
da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra.
Ana Raquel Rosas Torres, como requisito
para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Social.

João Pessoa – PB

Março / 2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A663h Araújo, Heitor Marinho da Silva.

Um homem também chora: sexismo e masculinidade precária frente a situações contranormativas de gênero / Heitor Marinho da Silva Araújo. - João Pessoa, 2023. 87 f. : il.

Orientação: Ana Raquel Rosas Torres.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Psicologia social - Gênero e sexualidade. 2. Masculinidade precária. 3. Sexismo ambivalente. 4. Divisão sexual de papéis. 5. Discriminação de gênero. I. Torres, Ana Raquel Rosas. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.6:305(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e sete dias do mês de março de dois mil e vinte e três, de modo remoto pelo Google Meet, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Dissertação do aluno **HEITOR MARINHO DA SILVA ARAUJO**—mat. 20211013050 (orientando(a), UFPB, CPF: 051.397.074-62). Foram componentes da banca examinadora: Prof.^(a) Dr.^(a) **ANA RAQUEL ROSAS TORRES** (UFPB, Orientador, CPF: 267.442.364-15), Prof.^(a) Dr.^(a) **JULIO RIQUE NETO** (UFPB, Membro interno ao programa, CPF: 293.212.634-20), Prof.^(a) Dr.^(a) **ANDERSON MATHIAS DIAS SANTOS** (Universidad Autónoma de Coahuila, Membro externo à instituição, CPF: 062.650.854-17) e Prof.^(a) Dr.^(a) **HYALLE ABREU VIANA** (F.M.Nassau, Membro externo à instituição, CPF: 083.494.064-70). Na cerimônia compareceram, além do(a) examinado(a), alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof.^(a) Dr.^(a) **ANA RAQUEL ROSAS TORRES**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o(a) examinado(a) **HEITOR MARINHO DA SILVA ARAUJO** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: “UM HOMEM TAMBÉM CHORA’: SEXISMO E MASCULINIDADE PRECÁRIA FRENTE A SITUAÇÕES CONTRANORMATIVAS DE GÊNERO”. Passando então ao aludido tema, o aluno foi, em seguida, arguido pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de “**APROVADO**”, o qual foi proclamado pelo(a) presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Carlos Eduardo Pimentel, Vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 27 de março de 2023.



Documento assinado digitalmente
ANA RAQUEL ROSAS TORRES
Data: 27/03/2023 14:45:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. **ANARAQUEL ROSAS TORRES**



Documento assinado digitalmente
JULIO RIQUE NETO
Data: 27/03/2023 16:23:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. **JULIORIQUENETO**

Prof.^(a) Dr.^(a) **ANDERSON MATHIAS DIAS SANTOS**

Prof. Dr. **HYALLE ABREU VIANA**

Prof. Dr. **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**
Vice-coordenador do PPGPS

*À minha família,
Aos meus amigos,
Ao meu grupo,
E a todas que vieram antes!*

*“Um homem também chora, menina
morena. Também deseja colo,
palavras amenas!”*

- Gonzaguinha

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as professoras e professoras que contribuíram e contribuem para minha formação como pesquisador e futuro docente, se assim for a vontade de Deus. Principalmente, agradeço à minha grande orientadora Ana Raquel, figura que admiro desde as primeiras aulas durante a graduação. Para mim, é um prazer ter Ana como professora de tantas coisas além da Psicologia Social, em torno da qual ela é minha principal referência.

À minha família, pelo suporte e pelas vezes que acreditaram mais em mim do que eu mesmo chego a acreditar. À minha mãe, por ter sido exemplo de profissional que sempre buscou dar o seu melhor no trabalho e na família, agradeço pelos constantes beijos no coração. A meu pai, por me ensinar que temos que fazer o bem todos os dias, não apenas em datas comemorativas, e por me lembrar diariamente que cada pessoa neste planeta está enfrentando suas batalhas e isso é algo a que temos que ter sensibilidade. A Júlio, por me levar de volta ao que importa nessa vida: estar com quem eu amo e fazendo o que amo, sendo fiel a essa rede socioafetiva a qual faço morada. A Helhinho, meu gêmeo, por quase sempre mostrar a mim que, às vezes, a sensibilidade mais apurada vem das pessoas que menos demonstram essa emotividade – obrigado também por me proteger e me fazer endurecer o casco quando necessário. Amo vocês!

Aos meus amigos que acompanham e acreditam em mim todos os dias, é uma honra compartilhar minhas vitórias com tanta gente que me motiva cotidianamente; essas vitórias são a celebração do coletivo e da legião de pessoas que me formam e me formaram ao longo dos anos, principalmente no contexto da educação, seja no IFPB ou na UFPB. Sou muito feliz por todas as verdadeiras amizades que carrego comigo. Agradeço em especial nesta dissertação de mestrado: Pedro, Roceste, Geraldo e Danilo,

por terem sido meus companheiros mais fiéis durante a fase grave da pandemia e por terem me feito feliz, acolhido e respeitado. Amo todas e todos vocês!

Sem um grupo de pesquisa potente, articulado e provocador eu nunca seria 1% do Psicólogo Social que sou. Que alegria a minha ter sido acolhido por mulheres fantásticas, psicólogas comprometidas e cientistas de peso! Nossas pesquisas nesse campo representam um pouco das lutas a que estamos vinculados e, por isso, meu agradecimento às amigas queridas Iara, Hyalle, Anderson, Amanda, Fran, Bárbara, Karol, Nathalia, Fernanda e Lawerton! É um prazer ser colega de trabalho de todas vocês!

À minha banca, sem a qual este trabalho não teria sido lapidado e aprimorado, para fazer jus ao protocolo e à mística da situação! Novamente, agradeço à professora Ana Raquel, por ser minha grande referência de docente e pesquisadora; agradeço à professora Hyalle Abreu, por ser minha amiga, forte parceira de profissão e parecerista atentíssima ao trabalho; ao professor Anderson Mathias, meu amigo, que tem uma leveza sem a qual, com toda certeza, o ambiente da pós seria mais triste e rígido (no sentido ruim), obrigado pelas palavras de apoio e apontamentos quentíssimos numa visão de rede de colaboração internacional para a pesquisa por mim executada; e obrigado ao professor Júlio Rique, pela disponibilidade de ler o trabalho, fazer seu parecer, e pela companhia ao longo da graduação e na pós – seja nas reuniões ou no dia a dia, o senhor é uma figura muito querida.

Agradeço extremamente a todas e todos que compõe essa legião de afeto que me resguarda e me protege de todo mal e angústia. Só estou aqui hoje porque tenho certeza de que sou muito amado e amo muito cada pessoinha que quis minha companhia por perto.

Termino agradecendo a quem não pode estar aqui próximo a mim e a quem sequer me conhecia. Ser uma pessoa de minoria é ter o dever de lembrar todos os dias que nossos

passos vêm de longe e que, à duras penas, alçamos os voos das que não puderam estar aqui para que o amanhã possa ser diferente pra elas. Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções. E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias.

RESUMO

Esta pesquisa buscou investigar em que medida a adesão à crença em uma Masculinidade Precária, ao Sexismo Ambivalente e as Normas Sociais influenciam no posicionamento frente a situações relacionadas à divisão sexual dos papéis de gênero. Foram elaborados quatro cenários experimentais, abordando a escolha de brinquedo de uma criança e a decisão do pai ao comprar. Realizamos uma pesquisa quase-experimental, com delineamento 2 (sexo da criança: masculino ou feminino) X 2 (tipo de brinquedo: carro ou boneca). Participaram 303 estudantes universitários com idade média de 24.1 anos ($DP= 5.62$), onde 41 se declararam politicamente de direita, 51 de centro e 211 de esquerda. Os participantes responderam às escalas de Sexismo Ambivalente e Concepções de Masculinidade, assim como a perguntas abertas justificando sua percepção. Utilizando o SPSS, foram realizadas análises estatísticas de correlação, regressão hierárquica, análise univariada (ANOVA) e testados os modelos explicativos de mediação-moderada e mediação simples. O software IRAMUTEQ foi utilizado para procedimentos de Classificação Hierárquica Descendente e Análise Fatorial de Correspondência. Os resultados mostram que, sendo moderados pelo fator de restrição emocional da Masculinidade e pela adesão ao Sexismo Ambivalente, os cenários são bons preditores da percepção negativa da atitude do pai nos cenários contranormativos e da percepção neutra dos cenários normativos. Por outro lado, as justificativas dos participantes sobre o julgamento social dado à criança e ao pai apresentaram classes heterogêneas, indo desde o reconhecimento dos papéis de gênero à desconstrução de tais concepções com uma forte ligação entre o posicionamento direitista no que diz respeito a elaborações sobre a figura paterna e o preconceito como algo posto na sociedade.

Palavras-chave: Masculinidade Precária; Sexismo Ambivalente; divisão sexual de papéis; discriminação de gênero.

ABSTRACT

This research sought to investigate to what extent adherence to the belief in precarious masculinity, ambivalent sexism and social norms influences the taking of a position in relation to normative and counter-normative situations related to the sexual division of gender roles. Four experimental scenarios were elaborated addressing a child's choice of toy and the father's decision to buy it. It was characterized as quasi-experimental research, with design 2 (child gender, male or female) X 2 (type of toy, car or doll). A total of 303 university students with a mean age of 24.1 years ($SD=5.62$) participated, where 41 declared themselves politically of the right-wing, 51 of the center and 211 of the left-wing. The participants answered the scales of Ambivalent Sexism and Conceptions of Masculinity, as well as open questions justifying their perception. Using SPSS, statistical analyses of correlation, hierarchical regression, univariate analysis (ANOVA) and we tested the explanatory models of moderate-mediation and simple mediation. The IRAMUTEQ software was used for Descending Hierarchical Classification and Correspondence Factor Analysis procedures. The results show that, being moderated by the emotional restraint factor of Masculinity and adherence to Total Sexism, the scenarios are good predictors of the negative perception of the father's attitude in the contranormatives conditions and the neutral perception in normative conditions. The justifications of the participants about the social judgment given to the child and the father presented heterogeneous classes ranging from the recognition of gender roles as well as the deconstruction of such conceptions with a strong connection between the right-wing position regarding elaborations about the father figure and prejudice as something placed in society.

Keyword: precarious manhood; ambivalent sexism; conceptions of masculinity; sexual division of roles, gender discrimination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 *Resultado da ANOVA dos cenários experimentais e da percepção da decisão do pai*

Figura 2 *Representação gráfica do modelo de mediação moderada com coeficientes e significância*

Figura 3 *Representação gráfica do modelo de mediação coeficientes e significância*

Figura 4 *Classificação Hierárquica Descendente para as justificativas da percepção da decisão do (menina/carro)*

Figura 5 *Análise Fatorial De Correspondência da condição Menina/Carro*

Figura 6 *Classificação Hierárquica Descendente para as justificativas da percepção da decisão do (menino/boneca)*

Figura 7 *Análise Fatorial De Correspondência da condição Menino/Boneca*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 *Correlação bivariável entre os cenários, percepção Sexismo Ambivalente e Masculinidade*

Tabela 2 *Regressão da percepção da decisão dos pais utilizando os cenários, sexismo ambivalente e fatores de masculinidade*

Tabela 3 *Modelo de mediação moderada utilizando os cenários, sexismo ambivalente e os fatores de masculinidade*

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Organização das Nações Unidas – ONU

Sexismo Hostil – SH

Sexismo Benevolente – SB

Escala de Concepções de Masculinidade – ECM

Classificação Hierárquica Descendente – CHD

Análise Fatorial de Correspondência – AFC



Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós Graduação em Psicologia Social
Campus Universitário, S/N
58051-900 João Pessoa, PB - BRASIL
Tel./Fax 55 83 32167006

DECLARAÇÃO

Eu, Heitor Marinho da Silva Araújo, discente regular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social-UFPB ao nível de Mestrado, matrícula 20211013050, declaro que o trabalho intitulado "'Um Homem Também Chora': Sexismo E Masculinidade Precária Frente A Situações Contranormativas De Gênero" foi por mim realizado sob a orientação da profa. Dra. Ana Raquel Rosas Torres e seguiu todas as diretrizes do Relatório da Comissão de Integridade em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, 13/03/2023

Heitor Marinho da Silva Araújo

20211013050

Nome e matrícula

SUMÁRIO

Introdução	17
Fundamentação Teórica	23
<i>Sexismo Ambivalente.....</i>	<i>23</i>
<i>Masculinidade Precária</i>	<i>32</i>
<i>Concepções de Masculinidade</i>	<i>36</i>
<i>Normativo versus Contranormativo.....</i>	<i>38</i>
Método.....	40
<i>Delineamento.....</i>	<i>40</i>
Resultados	44
<i>Análises quantitativas</i>	<i>44</i>
Correlatos entre os cenários experimentais, percepção da decisão do pai, e fatores da Escala de Concepções de Masculinidade	44
ANOVA da percepção da decisão do pai.....	47
Modelos explicativo para a percepção da decisão do pai.	49
<i>Análises textuais.....</i>	<i>53</i>
Classificação Hierárquica Descendente da condição Menina/Carro	54
Análise Fatorial de Correspondência da condição Menina/Carro	58
Classificação Hierárquica Descendente das justificativas dadas para condição menino brincando com boneca	59
Análise Fatorial de Correspondência da condição Menino/Boneca	62
Discussão Geral	63
Considerações Finais.....	65
Referências	68
Anexos	80

Introdução

Ao longo da última década, a sociedade brasileira avançou legalmente no que diz respeito às políticas de proteção à vida das mulheres e de promoção da igualdade de gênero em diversas esferas da vida pública e privada. Um exemplo da maior disposição a combater a discriminação baseada no gênero é a lei da importunação sexual (Lei n. 13.718/2018), reflexo direto da pressão de parlamentares e movimentos sociais por mais segurança para as mulheres. Tais movimentações nos levam a pensar acerca do papel das crenças normativas sobre homens e mulheres na tomada de posição dos indivíduos na sociedade brasileira, pois atitudes discriminatórias não se dão em um vazio social e estão inseridas em contextos que perpetuam sua existência, tendo como base conjuntos de crenças altamente disseminados entre os indivíduos (Linhares & Torres, 2022).

Essa conjuntura de transformação social, que busca conscientizar a população sobre a desconstrução dos papéis de gênero e de crenças sexistas sobre o lugar das mulheres no mercado de trabalho, tem impactado fortemente a vida de indivíduos inseridos na comunidade (Borges, 2013). Diante desse cenário, urge a necessidade de grandes corporações colocarem esse tema em pauta, como foi o caso da linha de brinquedos LEGO, que, em 2021, encomendou ao Geena Davis Institute on Gender in Media uma pesquisa de mercado transcultural sobre como pais e crianças atribuíam os tipos de brinquedos e brincadeiras a meninos e meninas. Em conjunto, os dados demonstraram que tanto os pais como as crianças viam as atividades artísticas e domésticas como brincadeiras de meninas, ao passo que as brincadeiras ligadas às estimulações da curiosidade, do raciocínio e das ciências exatas e da natureza foram atribuídas aos meninos.

A partir dos resultados, a LEGO planejou uma campanha de marketing que estimulasse as meninas a se interessarem pelas atividades ditas “masculinas”. No entanto,

a empresa não tomou iniciativas para estimular a participação dos meninos em brinquedos e atividades que remetessem aos afazeres domésticos e às artes. Assim, embora houvesse o estímulo para que as meninas quebrassem a barreira das atividades vistas como masculinas, o mesmo não foi feito para que os meninos passassem a brincar com atividades vistas como “femininas”. Portanto, mesmo sendo extremamente importante, a iniciativa da empresa, de fato, não estava contribuindo para a desconstrução dos papéis de gênero em sua totalidade e, ao mesmo tempo, construir a visão de que não existem atividades tipicamente femininas ou masculinas.

Para além das grandes corporações, desde o início do novo milênio, organizações sociais de prestígio no mundo todo vêm pautando a necessidade de firmar pontos sem volta na curva progressiva da igualdade de gênero, como é o caso da Organização das Nações Unidas – ONU, que instituiu o programa HeForShe, que consiste na amplificação de debates públicos sobre masculinidades positivas, desigualdade de gênero e temas afins, promovendo e buscando efetivar políticas institucionais engajadas por lideranças masculinas interessadas em alcançar equidade, cidadania e diversidade nos ambientes.

Focando no Brasil, a década de 2010 foi marcada principalmente pelas disputas político-partidárias entre grupos de esquerda e de direita a respeito de repertórios como igualdade de gênero e educação sexual nas políticas públicas (Sousa *et al.*, 2022). A partir de 2019, esse embate se acirrou e vimos militantes e grupos organizados de direita e extrema-direita se institucionalizarem na política e formarem intelectualmente seus seguidores, para combater políticas e atos considerados progressistas ou de esquerda (Sousa *et al.*, 2022). Tem-se como exemplo o ex-presidente de extrema-direita Jair Bolsonaro, que, ao mencionar sua única filha em 2017, disse: “foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio mulher”¹, atribuindo características de fraqueza e

¹<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2017/04/bolsonaro-diz-que-teve-filha-mulher-por-fraquejada.html>

imperfeição às mulheres como um todo. Tais movimentos têm como principal representante no Brasil a senadora Damare Alves, que, em seu dia de posse como ministra, afirmou junto a lideranças religiosas: “agora menino veste azul e menina veste rosa”², demarcando suas crenças normativas nos papéis de gênero.

Em contrapartida, uma série de políticas públicas foi aprovada a nível nacional, no tocante à igualdade com justiça social, como as leis da importunação sexual e das cotas de gênero eleitoral. Esta última teve efeitos econômicos e materiais para os partidos políticos, já que 30% do fundo partidário devem ser destinados a campanhas de mulheres, independentemente do cargo. Apesar de tais medidas, a população em geral ainda apresenta um menor grau de apoio a candidaturas femininas que estejam em desconformidade com suas expectativas de gênero, como demonstra o estudo de Sousa e Torres (2022).

Nesse sentido, as autoras investigaram em que medida os indivíduos apoiariam mulheres disputando cargos públicos. Ao manipular o posicionamento político das candidatas (esquerda, direita ou centro) e as pautas por elas defendidas (educação e assistência social ou segurança pública e economia), os achados de pesquisa foram de que quanto mais normativa a mulher fosse percebida, maior seria o grau de apoio dos participantes. Contudo, a condição com menor grau de apoio entre os participantes foi a de perfil mais contranormativo: mulheres de esquerda que defendessem pautas de mercado e segurança. Logo, tais resultados são importantes para pensarmos em que passo está o debate público sobre a participação efetiva das mulheres como agentes transformadoras da realidade social e o grau de apoio que tais ideias têm entre homens e mulheres.

É importante salientar, nessa direção, que o movimento feminista tem lutado por mais participação das mulheres em cargos de prestígio, cobrando igualdade salarial e

²<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damare-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>

combatido formas de assédio (Prá & Epping, 2012; Marta & Moraes, 2019). Essa articulação global tem feito com que meninas e mulheres venham conquistando vez e voz nos contextos das grandes cidades e no Ocidente em geral. Mesmo assim, ainda se encontram presentes no dia a dia uma série de barreiras a serem superadas para romper com o teto de vidro que separa mulheres e homens, como é o caso da dupla jornada feminina intensificada durante a pandemia de Covid-19 (Macêdo, 2020). Expressão comumente utilizada para explicar a falta de lideranças femininas em cargos de liderança e gestão no mercado de trabalho, o “teto de vidro” é definido como a barreira invisível das medidas institucionais que impedem as mulheres de crescerem profissionalmente (Vaz, 2013), pois não levam em conta o seu cotidiano, que, muitas vezes, inclui administrar as atividades ligadas à maternidade e ao trabalho doméstico não-remunerado.

Quanto a essa conjuntura, Macêdo (2020), em seu trabalho, relata que as mulheres, além de terem trabalhado e sofrido mais com a precarização das condições de trabalho no contexto da docência no período pandêmico, foram levadas a assumir duplas – e até triplas – jornadas de trabalho não-remunerado dentro de casa. A autora reuniu relatos de diversas professoras universitárias que alegaram que estar em isolamento social intensificou sua participação unilateral nos afazeres domésticos e afetou diretamente sua produtividade acadêmica, tendo a situação agravada quando envolvia a maternidade. Além disso, as mulheres estiveram mais expostas a contextos de violência doméstica, pois passaram a conviver mais com seus agressores dentro de casa durante essa crise sanitária (Campos *et al.*, 2020). A violência no contexto de isolamento foi subnotificada, manifestando que, além da pandemia do vírus, houve também uma pandemia de violência de gênero.

Dessa maneira, a fim de entender como as produções sobre Masculinidade e Feminilidade têm ocupado espaço na produção científica sobre os papéis de gênero e percepção da discriminação, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na plataforma

Periódicos Capes, que consiste em um acervo científico de acesso aberto para estudantes do ensino público, a fim de universalizar o conhecimento. Nessa etapa, foram utilizados como critérios de inclusão: ser um artigo; estar em revista revisada por pares; e ter sido publicado nos últimos cinco anos. Assim, foram encontrados 556 artigos tratando do Sexismo Ambivalente, e apenas 57 trazendo a Masculinidade Precária como descritor. A disparidade entre as produções sobre o preconceito e crenças sobre mulheres frente à discussão do que está no centro da formação da identidade masculina exemplifica um descompasso para entendermos como a outra parcela da população brasileira – 48.9%, segundo a última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – é percebida e como encara a realidade social.

A escolha pelo construto Masculinidade Precária se deu devido à recente produção científica do tema, realizada por psicólogos que se localizam epistemologicamente na Psicologia Social pautada neste trabalho (Vandello *et al.*, 2008; Bosson & Vandello, 2011; Vandello & Bosson, 2013; O'Connor *et al.*, 2017; Bosson *et al.*, 2021). Aqui, não está sendo feita omissão de conceitos já clássicos na literatura, como a Masculinidade Hegemônica (Connell & Messerschmidt, 2013), ideia bastante usada nas ciências sociais e humanas para definir a principal característica grupal dos homens, além da Virilidade (Voks, 2021), um conjunto de característica biopsicossociais que aglutinam a representação do ser homem, como forma de justificar sua diferença frente às mulheres. Nesse sentido, a Masculinidade Precária tem sido mais utilizada por psicólogos sociais como meio de explicar fenômenos que afetam diretamente o grupo e suas relações intergrupais e interpessoais em diversos contextos de sociabilidade, tornando válido salientar que o uso do termo “precária” está em consonância com o que se tem popularmente debatido nos espaços públicos pelo nome de “Masculinidade frágil”.

Baére e Zanello (2020), investigando o preço pago para se manter como grupo de alto status, explicitam fatores psicossociais com os quais os homens não têm conseguido desenvolver um repertório emocional satisfatório, apresentando maiores índices de depressão e ideação suicida. Assim, entender o caráter velado da formação desses indivíduos e sua identidade grupal é jogar luz ao que está subjacente na lacuna de saúde e cuidado dos homens.

Acerca desses aspectos, a ocorrência de mais casos de depressão em homens do que em mulheres tem direcionado os estudos sobre os homens a se voltarem para as questões de saúde e cuidado (Separavich & Canesqui, 2013; Lima *et al.*, 2020). Algumas crenças podem estar subjacentes a esse descuido em saúde, como a de que os homens devem prover sozinhos as condições econômicas do lar e de que devem lidar com situações difíceis sem demonstrar abalos emocionais e cognitivos (Quirino *et al.*, 2016). O aspecto da orientação sexual, retomando Baére e Zanello (2020), é fundamental para entendermos como os homens sofrem ao romper com as expectativas de gênero, pois ter interesse sexual-afetivo por parceiros congêneres rompe com a hegemonia heteronormativa e pode causar fenômenos como a homofobia internalizada. A vivência da homofobia na família e da homofobia internalizada levaria então homens gays a estarem mais expostos ao abandono familiar e a tendem a ter ideação suicida (Perucchi *et al.*, 2014).

Entre fluxos e refluxos de luta pela manutenção dos papéis de gênero tradicionais, assim como pelas mudanças necessárias na construção de uma sociedade mais igualitária, este trabalho objetiva investigar em que medida a adesão à crença em uma Masculinidade Precária (Vandello *et al.*, 2008) e ao Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996) influencia a tomada de posição frente a situações normativas e contranormativa relacionadas à divisão sexual dos papéis de gênero. Mais à frente, destrinchamos como

as pesquisas sobre Sexismo Ambivalente têm avançado junto à psicologia social na evidenciação de sua correlação com outros fatores em ambientes diversos, e os prejuízos que o preconceito baseado no sexo tem causado em diversas culturas e, principalmente, no Brasil. Em seguida, apresentamos como a Masculinidade Precária, sobretudo suas crenças veladas, dão base de sustentação à identidade social dos homens e seus impactos nas relações grupais e interpessoais. Por fim, falaremos sobre Norma Social e o papel da contranormatividade na elaboração de novos paradigmas sobre os papéis de gênero e sua contribuição para análise das atitudes frente a situações cotidianas.

Fundamentação Teórica

Sexismo Ambivalente

*“Quando a luva de veludo do Sexismo benevolente
falha, o punho de ferro do Sexismo Hostil emerge.”*

Partindo da definição clássica de Allport (1954), o preconceito é tido como uma atitude hostil frente a um indivíduo, devido às suas pertenças grupais e aos conteúdos evocados pelo grupo. Sendo uma atitude, o preconceito apresenta três componentes: afetivo, que diz respeito à forma das emoções que um grupo desperta; cognitivo, relativo aos estereótipos e a como atribuímos imagens caricaturadas a indivíduos pelas suas pertenças grupais; e comportamental, que aponta para forma de agir perante um grupo.

Salientando a dinâmica do preconceito, Lima (2020) discorre sobre a natureza do fenômeno, elencando três fatores primordiais para entendê-lo: o preconceito é dialético, o indivíduo será alvo, ao passo que seu grupo estará também na mira; é contextual, no que concerne às normas sociais, ou seja, quanto mais contranormativo um grupo for aos olhos da sociedade, mais forte será sua interação face ao processo de exclusão; e é um fenômeno relacional, a sutileza das formas de agir frente a um grupo e a um indivíduo impactam diretamente em como a hostilidade é vivenciada. Este último ponto é

importante para entendermos como a percepção do preconceito na sociedade depende das dinâmicas grupais em evidência. Numa conjuntura onde as redes sociais têm pluralizado os interlocutores que fomentam a opinião pública (Sales *et al.*, 2018), o tensionamento entre os grupos tem gerado visibilidade e preocupação com formas de preconceito antes não tão percebidas como problemáticas, a exemplo da homofobia em partidas de futebol (Pereira *et al.*, 2014).

Pode-se afirmar ainda que, sendo um fenômeno presente em culturas ao redor do mundo, o preconceito está ancorado, globalmente, em crenças e ideologias que legitimam a desvalorização e precarização das condições de viver das minorias sociais (Santos & Cerqueira-Santos, 2022). Crenças, como a de que uma vítima de violência sexual estava exposta ao risco por uma roupa curta³, legitimam atitudes violentas, fazendo com que os grupos (*e.g.* homens e mulheres) tenham um repertório afetivo, comportamental e cognitivo próprio (Linhares *et al.*, 2022). No entanto, com o avanço do debate feminista e das políticas públicas, o preconceito passou por um processo de sofisticação, apresentando não apenas formas flagrantes, como também sutis, para que passasse despercebido como algo expressamente desfavorável e que deve ser repreendido (Connor *et al.*, 2017).

A respeito desse processo, a sofisticação do preconceito foi resumida de forma simbólica na frase que inicia a presente seção da dissertação, demonstrando que a ambivalência do sexismo engloba tanto sua forma flagrante como sutil. Para instrumentalizar tal construto, Glick & Fiske (1996) teorizam como as novas expressões do que significa ser mulher e estar dentro desse grupo categórico fizeram o fenômeno do Sexismo sofrer uma metamorfose, passando a apresentar, além de sua forma Hostil, uma face Benevolente. Tais dimensões utilizam conteúdos estereotípicos e repertórios

³ https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/11/03/interna_nacional,1200822/estupro-culposo-entenda-o-termo-utilizado-no-caso-mari-ferrer.shtml

emocionais e comportamentais para agir diante das mulheres normativas, que seguem um modo de vida fundamentado na manutenção do lar e no cuidado com o outro, e das contranormativas, que rompem com as expectativas de gênero.

Para Glick & Fiske (1996), o Sexismo Ambivalente consegue se manter cristalizado e enraizado nas sociedades ao redor do mundo por três características que orientam sociedades de berço patriarcal e machista: o paternalismo, a distintividade grupal e a heteronormatividade. O primeiro está ligado à forma como a sociedade trata as mulheres como indivíduos a serem protegidos e cuidados pela troca da manutenção de um sistema produtivo que gira em torno dos homens, vindo daí questões como a jornada dupla das mulheres no mercado de trabalho e em casa, bem como formas de abuso sutis (Lutzky & Lawson, 2019).

Ao tratar-se da distintividade grupal, o aspecto mais psicológico que norteia as relações entre homens e mulheres (Cabecinhas, 2004), estão os acontecimentos que justificam e buscam trazer naturalidade à maior presença de homens em profissões que, historicamente, foram voltadas a eles, valendo-se de estereótipos sobre esses serem mais racionais e as mulheres serem mais emotivas (*e.g.* engenheiros). Dessa forma, a divisão sexual do trabalho estrutura a sociedade de modo a justificar que as coisas permaneçam como estão. Viana *et al.* (2018) pontuam que, apesar das mulheres estarem conquistando espaços historicamente vistos como masculinos, elas ainda serão mais desacreditadas do que os homens neste mesmo espaço. As autoras demonstram também que os desafios enfrentados pelos homens por ocuparem espaços tradicionalmente vistos como femininos não estão vinculados ao preconceito estrutural e institucional, mas, sim, à ameaça de sua identidade social como homens.

Por fim, a dimensão da heteronormatividade abarca o papel crucial que a orientação sexual e a sua percepção têm para as sociedades conservadoras (Lima & Lima,

2020). No caso de mulheres lésbicas, por exemplo, é fato que elas são alvos de violências sexuais justificadas pelos seus agressores como “correção” do comportamento sexual-afetivo desviante (Campos *et al.*, 2017). Dissecados esses três pilares que sustentam a violência sexista, agora vamos diferenciar os dois fatores do Sexismo.

Glick & Fiske (1996) argumentam que o Sexismo Hostil (SH) é formado pelas ideologias da supremacia e dominação masculina, que dão suporte à estrutura patriarcal da sociedade. Reforçando os papéis normativos de gênero e os estereótipos associados à categoria das mulheres, essa forma de expressar o Sexismo se direciona a mulheres que subvertem imagens normativas do ser mulher (*e.g.* ser mãe) e/ou que se destacam em posições de liderança.

Por outro lado, não são apenas as mulheres que desafiam o *status quo*, que se tornam alvo do Sexismo. O Sexismo benevolente (SB) tem sua gênese no princípio de que as mulheres são necessárias para manutenção do modelo paternalista da sociedade (Ferreira, 2004). Diferentemente do racismo, o Sexismo não pode afastar sua vítima do algóz, pois os homens, enfatizando a heteronormatividade, necessitam das mulheres para satisfazerem-se sexualmente e para cuidar do lar (Amorim *et al.*, 2021). Essas demandas endossam o SB, trazendo consigo uma visão da mulher mais calorosa e sensível do que de necessitada de ser proteção contra ameaças externas, fomentando seu papel social na maternidade e na família. A mulher é percebida pelo SB como uma figura amparada pelos homens, no sentido de que ambos devem colaborar entre si, relacionando-se para que a ordem social se mantenha.

Expostas essas explicações, Glick & Fiske (1996) elaboraram a escala de Sexismo Ambivalente, que conta com 22 itens divididos entre Sexismo benevolente e hostil. A adaptação dessa escala para o contexto brasileiro foi feita por Formiga *et al.* (2002), apresentando uma boa base para investigar o fenômeno no contexto em que esse estudo

está inserido. Os autores confirmaram a existência dos dois fatores, SH e SB, no contexto brasileiro, sendo que os homens apresentam estatisticamente maior adesão à hostilidade do que as mulheres. As médias dos dois fatores para os homens são equivalentes, porém as mulheres aderem mais ao benevolente que à hostilidade.

Cabe salientar que, no presente estudo, os dois fatores de Sexismo Ambivalente foram somados por demonstrarem maior poder explicativo para as análises relatadas mais à frente no presente trabalho. Desse modo, os dois fatores também foram testados separadamente e obtiveram graus de explicação satisfatórios para o experimento realizado. Como verificaram Glick *et al.* (2000), o Sexismo Ambivalente está presente em diversas culturas ao redor do mundo, tanto em sociedades mais igualitárias como mais desiguais, visto que a ideia de hostilidade é subvertida pela dimensão benevolente do Sexismo.

Essas imagens do senso comum sobre as categorias de gênero se nutrem dos estereótipos que, segundo Fiske *et al.* (2002), podem ser analisados a partir de duas grandes dimensões dos conteúdos estereotípicos, a Competência e a Sociabilidade, que operam fortemente na percepção dos indivíduos frente aos grupos de alto e baixo status que compõem a sociedade. A primeira dimensão está ligada a características que atribuímos à razão, à liderança e à lógica, enquanto a segunda diz respeito à honestidade, à amorosidade e à simpatia. Sendo assim, as emoções (*e.g.* admiração) que um grupo desperta estão vinculadas às características (*e.g.* competente e simpático) e ao grau de valorização que o mesmo apresenta, de modo que um traço visto como negativo, se vinculado a uma pessoa de alto status, pode ser bem visto, aspecto que, para os autores, ocorre geralmente entre as pessoas de um mesmo grupo e aos aliados próximos.

Assumindo que estereótipos negativos sobre as mulheres possuem uma forte raiz em crenças religiosas, Glick *et al.* (2002) investigaram de que modo os graus de

escolaridade e religiosidade iriam interferir na adesão à ideologia sexista. Os autores demonstram que, como esperado, pessoas com escolaridade acima da média têm menor adesão ao SH e ao SB. No que diz respeito ao grau de religiosidade, ele predisse atitudes sexistas benevolentes, mas não as hostis, o que se explica pelo caráter paternalista e protetivo ao qual as instituições religiosas historicamente têm destinado as mulheres que se mantêm submissas, para que não esqueçamos a Caça às Bruxas (Junqueira, 2021). As crenças religiosas têm reforçado e cobrado, portanto, o lugar de subserviência feminina.

Ferreira (2004), verificando a aderência da escala do Sexismo Ambivalente no contexto brasileiro, conseguiu demonstrar que, nessa cultura, o fenômeno se replica e apresenta uma correlação positiva entre o SH e o SB. Os dados apontam que homens tendem a expressar mais SH quando comparados às mulheres, que não apresentaram diferença estatística no que diz respeito aos níveis de adesão do SH e SB.

Vale salientar que a moeda de troca que o SB oferece às mulheres, proteção e cuidado, vem sendo problematizada, para que se entenda o porquê de parecer tão atrativa. Connelly & Heesacker (2012) argumentam que a predominância desse tipo de Sexismo se dá devido ao fato de que ele aparenta apresentar mais bônus que ônus às mulheres, podendo se apegar à forma como são tratadas, para justificar o sistema no qual estão inseridas. O SB é perverso, pois reforça a estrutura desigual da sociedade pautada nos papéis de gênero, acabando por legitimar atitudes hostis em relação às mulheres que rompem com isso.

Com o avanço tecnológico, essa ambivalência tem se sofisticado cada vez mais, visto que a internet tem a possibilidade da formação de opiniões mais embasadas a respeito de temas diversos (Bocchi, 2016). Connor *et al.* (2017) salientam que, apesar dos avanços, a forma como o SB tem sido usado como moeda de troca para coagir e levar mulheres a serem sentinelas do patriarcado causa danos difíceis de serem remediados.

Ainda, esses autores trazem como os homens também sofrem com essa estrutura de sociedade baseada nos papéis de gênero e acabam tornando-se, em partes, reféns de formas sutis do Sexismo.

Viana *et al.* (2018), investigando como homens e mulheres em posições contranormativas para os papéis de gênero são percebidos, demonstraram que os desafios relegados a engenheiras estão vinculados à necessidade de enfrentar o machismo institucional que as impede de ascender profissionalmente e de serem respeitadas por seus colegas. Entretanto, os enfermeiros não foram desafiados a mostrar competência para o cargo, porém foram percebidos como prováveis homossexuais devido à sua profissão, sendo vistos, assim, como “menos homens”. Logo, compartilhar uma profissão majoritariamente feminina seria uma evidência de baixo status para os homens, no que concerne à categoria de gênero, pois, à medida que o homem toma conta de competências relegadas as mulheres, seu valor social começa a ser questionado (Viana *et al.*, 2020).

Os desafios enfrentados pelas mulheres por causa da violência de gênero não se resumem apenas às relações de trabalho ou aos atos expressamente hostis e visíveis de tal preconceito. Lançando luz sobre o SB, Oswald *et al.* (2019) elaboraram uma escala de SB dividida em 3 fatores: intimidade heterossexual, paternalismo protetivo e diferenças grupais complementares. Os estudos realizados demonstram que quanto mais experiências forem vivenciadas através do paternalismo protetivo, mais as mulheres tendem a apresentar a autoestima e o bem-estar psicológico abaixo da média. No entanto, experienciar a distintividade grupal complementar está positivamente ligado à autoestima, ao bem-estar psicológico e a submissão à autoridade.

Corroborando com tais estudos, Albuquerque *et al.* (2019) problematizaram o papel da identidade social frente à culpabilização de vítimas de violência de gênero. Partindo da manipulação do grupo ao qual pertencia a mulher vítima de estupro, as

pesquisadoras buscaram compreender como os valores sociais dos participantes e suas crenças impactariam na vitimização secundária. Os resultados demonstram que, quando a vítima era do mesmo grupo que os participantes, elas eram mais culpabilizadas pela violência sofrida, sendo a relação predita através da alta aderência aos valores grupais e à baixa crença no mundo justo.

No contexto laboral, Albuquerque *et al.* (2020) investigaram como os processos psicossociais subjazem a atribuição de estereótipos a mulheres e homens, manipulando seus posicionamentos a respeito da licença parental. Culturalmente, o Sexismo benevolente tem direcionado as mulheres à maternidade, para legitimar a divisão sexual da sociedade, de modo que se espera que as trabalhadoras tirem a licença quando se tornam mães. Quando contrastados os resultados da percepção das mulheres em licença com os homens que tiraram licença paternidade, as trabalhadoras foram mais bem quistas no que diz respeito aos conteúdos estereotípicos de moralidade, sociabilidade e competência.

Porém, não nos podemos deixar enganar, pois muitas vezes a percepção positiva das mulheres que estão de acordo com a Norma Social está respaldada na estrutura machista e patriarcal da sociedade. Como investigaram Costa *et al.* (2022), o discurso científico sobre mulheres tem se estruturado numa perspectiva androcêntrica e patriarcal. Nesse estudo, são demonstrados como temas socialmente lidos como femininos são amplamente mais presentes nos bancos de dados, contribuindo para reprodução de imagens homogêneas do “ser mulher”. Apesar dessa condição de vida justificar o sistema e trazer bem-estar psicológico (Napier *et al.*, 2020), ela também está mais fortemente presente em países com alta adesão à cultura sexista, que faz com que as mulheres criem mecanismos psicológicos para lidar com essa dura realidade de violência e prejuízo,

consideradas as que “fogem da linha”. Os homens, como falado mais acima, são beneficiados e tornam-se vítimas em diferentes graus desse sistema.

No que diz respeito a expressões de SH, Albuquerque *et al.* (2021), utilizando inquéritos policiais, buscaram compreender os fatores psicossociais que estavam influenciando a denúncia das mulheres contra seus algozes. A naturalidade com a qual essa violência é cometida no dia a dia é tanta, que não há um perfil específico de mulher alvo, ao passo que os agressores são majoritariamente homens conhecidos, indo de encontro diretamente com o que seria o “benefício” concedido SB, em troca de serem normativas as mulheres cuidadas e protegidas.

Dessa maneira, a legitimidade do Sexismo não se dá apenas pela divisão sexual da sociedade, visto que há um forte fator de preconceito étnico-racial que subsidia e encrudesce suas expressões ambivalentes e sutis (Linhares & Torres, 2022). As autoras ilustram, a partir de achados de pesquisa, que a violência sexual contra as mulheres está fortemente correlacionada à cor da vítima e às normas sociais, de modo que essa coalisão se dá através do SB e de crenças de justificação do sistema. O grau de adesão ao SB predisse o quanto uma vítima seria culpabilizada pelos participantes, além de como sua raça-etnia afetou a percepção frente a casos de violência sexual, de modo que pessoas brancas tendem a culpabilizar mais a vítima quando ela é negra.

Com base nesses fatores, vê-se que a multifatorialidade do construto não se resume apenas a marcadores sociais de raça, gênero e sexualidade, ou apenas a crenças de justificação do sistema. Mastari *et al.* (2022) compararam duas religiões distintas, islamismo e catolicismo, e seus impactos em jovens imigrantes no contexto cultural europeu. Para as jovens, a adesão ao Sexismo Ambivalente se deu pela pressão de se conformarem a questões culturais de seus países de origem, enquanto os jovens vincularam seu Sexismo aos níveis de religiosidade. Trabalhar esse construto com jovens

no cenário brasileiro, diverso em aspectos raciais e religiosos, mostra a necessidade de, ainda hoje, investigar o papel do Sexismo na perpetuação da desigualdade social.

Assim sendo, o Sexismo Ambivalente impacta diretamente diversos aspectos das vivências dos indivíduos. Dando continuidade à discussão teórica que explica nosso objetivo de pesquisa, a seguir iremos dissecar o conceito de Masculinidade e as crenças veladas que fomentam tal construto, visto que os homens também passam pelo processo psicossocial de formação da sua identidade vinculada ao seu grupo e suas vivências enquanto categoria.

Masculinidade Precária

Para entender os impactos pessoais negativos de ocupar o lugar de prestígio na divisão sexual do mundo, Vandello *et al.* (2008) propõem a Masculinidade como sendo algo precário, no sentido de que é “difícil de conquistar” pelo seu alto status e “fácil de perder” devido às provações pelas quais os homens passam entre seus pares para manter esse lugar social. Segundo esses autores, ao serem provocados sobre sua Masculinidade, os homens tendem a apresentar maiores índices de ansiedade e estresse, buscando formas de restituir rapidamente seu status. Devido a tradição dos estudos de gênero sobre mulheres e Sexismo relatarem os prejuízos causados às mulheres, houve a consolidação de que os homens não seriam prejudicados pelo sistema que os beneficia, o que vai de encontro com os estudos e pesquisas apresentados a seguir.

A Masculinidade não é entendida pela teoria da Masculinidade Precária como algo natural, visto que assumir naturalidade ao papel social dos homens em contraponto à feminilidade é realizar a manutenção da dominação masculina pois se está biologizando as diferenças de gênero (Bourdieu, 1995). Sob esse viés, o paradigma trazido pela Masculinidade Precária nos direciona a pensar a violência e a dominação dos homens

sobre as mulheres como mecanismos de manutenção da identidade social (Fernandes & Pereira, 2018). Bosson e Vandello (2011) expõem, assim, essa necessidade de reafirmar e demonstrar por ações a pertença dos homens na categoria grupal como algo cultural e situacional, evocando formas simbólicas e materiais de violência. Portanto, em culturas como a da América Latina, o papel de provedor dos homens de família é fundamental para entender gestos agressivos (Silva *et al.*, 2020).

Seguindo essa linha, Vandello e Bosson (2013) realizaram uma revisão da literatura sobre o tema, para compreender se realmente o construto Masculinidade está em oposição à feminilidade. Os estudos analisados, que foram desde a ameaça ao status grupal até a dimensão do cuidado em saúde dos homens, verificou que os homens apresentam maiores índices de estresse e descuido ligado ao seu gênero, posto que, para se reafirmarem cotidianamente, eles não podem adentrar em atividades lidas como femininas. O estudo também demonstra que, ao longo do processo histórico, a Masculinidade foi se mantendo desde as fases de industrialização até a modernidade. O artigo também pontua a necessidade de métodos e correlações capazes de demonstrar os impactos cognitivos, afetivos e comportamentais na vivência baseada no gênero dos homens.

No que tocante à equidade de gênero, Vandello *et al.* (2013) realizaram dois experimentos a respeito da flexibilidade no contexto laboral, a fim de entender se homens e mulheres no mercado de trabalho avaliariam candidatos a uma vaga de emprego que demonstrassem dividir igualmente o tempo de trabalho e o tempo que passam em família. Os participantes foram espectadores da situação do candidato disposto a participar do dia a dia familiar e perceberam esse homem como menos masculino. Tal percepção foi justificada devido ao “desprendimento” com o trabalho se correlacionar negativamente à noção de competência.

Sob outra perspectiva, Kosakowska-Berezecka *et al.* (2016), ao investigarem situações em que homens não tinham diferenças em relação às mulheres demarcadas, demonstraram que eles tendem a apoiar menos medidas de reparação social quando a distintividade grupal não é ativada. O estudo demonstrou também que crenças biologizantes sobre ser homem fazem parte do repertório cognitivo dos indivíduos (*e.g.* homens mais masculinos produzem mais testosterona), e isso está correlacionado ao apoio e à promoção da igualdade de gênero. Portanto, crenças cristalizadas sobre seu papel hegemônico e de dominação afetam diretamente o engajamento político dos homens.

Corroborando com esses achados, O'Connor *et al.* (2017) investigaram o uso do preconceito de forma recreativa (Moreira, 2019), demonstrando como o humor anti-gay e sexista é utilizado como ferramenta para reestabelecer o status da Masculinidade em situações de ameaça à distintividade grupal. Os participantes da pesquisa recebiam feedbacks manipulados sobre seus níveis de Masculinidade e feminilidade. Após receberem a informação de que eram mais femininos, os homens tendiam a avaliar positivamente piadas de cunho machista e homofóbico. Esse resultado nos leva a pensar as relações interpessoais e grupais entre homens héteros e gays, ao passo que outras pertencas grupais podem ir de encontro à Norma Social da categoria “homem”.

Ao questionar o processo de coesão grupal que leva os homens a se manterem em condições precárias no trabalho, Munsch *et al.* (2018) evidenciam que, no contexto laboral majoritariamente masculino, quanto mais os membros do grupo não questionam a norma, mais difícil se torna a transformação positiva do ambiente. A coesão do grupo leva a menores índices de saúde mental e ao aumento dos conflitos entre os trabalhadores. Tomando o estudo como prisma, devemos questionar a falta de engajamento dos homens no desenvolvimento sustentável da sociedade, não apenas no ambiente de trabalho.

No cenário brasileiro, esse Silêncio dos Homens foi discutido por Mattos (2019), em seu documentário, onde entrevistou diversos homens envolvidos em movimentos sociais e pesquisadores da temática. O documentário, ao trazer a história de vida desses homens, demonstra que, na cultura brasileira, há um vazio no que diz respeito ao repertório emocional dessas pessoas. Historicamente, os lares brasileiros são comandados por mulheres e a figura do pai é ausente, causando uma série de prejuízos associados a ter figuras masculinas positivas e que praticam ações favoráveis ao bem-estar coletivo. O machismo e o Sexismo, com o tempo, têm causado prejuízos comportamentais e cognitivos que são demonstrados pelos dados de violência contra a mulher e pelo respaldo que até pouco tempo esses crimes tinham, já que eram amenizados quando isso se justificava como defesa da honra⁴.

No Nordeste brasileiro, talvez haja a representação de Masculinidade mais forte em toda a cultura nacional, a do “cabra macho”. Souza (2020) pesquisou como homens estudantes universitários em um estado do Nordeste representavam a si mesmos, partindo da ideia de Masculinidade. Os participantes, de forma majoritária, assumiram que parte de “ser homem” é aguentar processos de sofrimento de forma silenciosa. A Norma Social e a pertença grupal ao se reafirmarem cotidianamente justificou o preço pago pelo alto status do grupo, mesmo que isso venha gerando prejuízos sociais e individuais.

Em uma pesquisa desenvolvida por Viana *et al.* (2020), sobre a percepção dos homens igualitários numa emergência com o filho, os resultados mostraram que os participantes responderam, majoritariamente, não acreditar que o pai teria a atitude de ajudar o filho de forma imediata por ser uma situação de emergência em saúde, contranormativa. O Sexismo teve, então, um forte papel nas justificativas usadas pelos participantes para perceber cada situação manipulada pelo estudo.

⁴ <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=755906373>

A norma da Masculinidade não é apenas reafirmada cotidianamente em culturas majoritariamente conservadoras e patriarcais. Bosson *et al.* (2021) revelam que o construto da Masculinidade Precária em 62 países se confirma, apresentando uma transversalidade cultural e um enraizamento independentemente das especificidades dos países. Apesar da imagem e da adesão estereotípica sobre homens ser mais amena em nações com maiores índices de equidade de gênero, a não problematização e a falta de políticas públicas fomentando que os homens devem ser igualitários acaba causando prejuízos em todo o planeta.

O movimento *#MeToo*, que lançou luz sobre o assédio moral e sexual na indústria audiovisual norte-americana, após mobilização e engajamento ativo de trabalhadoras e militantes feministas, trouxe consigo o questionamento sobre o silêncio dos homens diante desses casos. Maricourt e Burrell (2022), investigando esse caso de proporções globais, denunciam que o *boom* causado pelo movimento afetou qualitativamente o movimento dos homens que começaram a pautar mais entre si o assédio sexual e a fomentar mais políticas igualitárias nesses setores em específico. O estudo demonstra que essa mudança representa uma transformação do que foi visto nas décadas de 1970 e 1980 nas culturas anglófonas, período em que o movimento feminista se ramifica ao redor do mundo, pós-maio de 68, na França.

Concepções de Masculinidade

Oransky e Fisher (2009) traçaram caminhos teóricos para o entendimento da Masculinidade. De acordo com esses autores, a Masculinidade pode ser compreendida como formada por três componentes principais: o heterossexismo, o esforço constante e a restrição emocional. Assim, para instrumentalizar as investigações sobre o construto da

Masculinidade no contexto da Psicologia Social brasileira, Guerra *et al.* (2014) adaptaram a escala de Concepções de Masculinidade – ECM dos autores.

O heterossexismo (e.g. “Aparentar ser gay faz com que um homem pareça menos homem”, “aparentar ser gay faz com que um homem pareça menos homem”) é a dimensão na qual os homens demonstram a heteronormatividade e o Sexismo, centralizando a experiência do ser homem na negação das características “femininas”, ao passo que perpetuam a estrutura opressora do patriarcado, que necessariamente subjuga os grupos LGBTI+ e as mulheres. Dentro dessa dimensão, percebe-se a resistência masculina para questionar seu lugar de privilégio tanto em relação a grupos sociais minoritários como aos que estão, em parte, compartilhando da categoria normativa, e.g. homens bissexuais.

Davis-Delano *et al.* (2020) evidenciaram, em sua pesquisa, a respeito de como pessoas heterossexuais reagiram a propostas românticas de pessoas do mesmo sexo. A identidade de gênero não mediou de forma consistente os cenários de propostas românticas e a reação dos participantes do estudo. Na realidade, a mediação da reação foi feita pelos níveis de preconceito sexual, dos e das participantes e o grau de ameaça percebido no que diz respeito a suas identidades heterossexuais.

No que concerne à restrição emocional (e.g. “Quando um homem sente medo, deveria manter isso pra si mesmo”, “é difícil respeitar um homem que demonstra seus sentimentos”), Baére e Zanello (2020) argumentam que os homens não conseguem desenvolver um repertório emocional satisfatório, de modo que apresentam maiores índices de depressão e suicídio. Ao analisarem relatos biográficos de homens que tiveram ideação suicida ou chegaram a cometer suicídio, o número de suicídios entre homens chega a ser quatro vezes maior que em mulheres (World Health Organization, 2014). Os autores encontraram grandes categorias discursivas sobre como a orientação sexual

impacta diretamente esse adoecimento. Portanto, ter orientações sexuais que destoam da norma heteronormativa direciona os homens a situações arriscas e complexas de saúde mental.

Já o fator de esforço constante (e.g. “Um homem nunca deveria recusar um desafio em público”, “não importa o que aconteça, um homem deve aparentar ser forte para outros”) compreende a necessidade de provas públicas constantes para os homens não conseguiriam preservar o alto status da sua identidade social. Nesse sentido, é fato que diversas culturas ao redor do planeta apresentam rituais de transição de meninos para homens, como é o caso dos Bar Mitzvah nas comunidades judaicas, quase sempre antecidos por circuncisões genitais. Ademais, Silva e Ferreira (2019) lançam luz sobre essas ideias, a partir da prática de exercícios físicos dolorosos e o impacto da musculação como forma de empreender a Masculinidade em grupo.

Normativo versus Contranormativo

Ao falar das relações de gênero, passando pelo Sexismo e pelas concepções de Masculinidade, ao longo do processo histórico-cultural, consolidaram-se valores normativos sobre como membros de grupos devem agir (Costa-Lopes et al., 2013). Os autores demonstram que as normas sociais têm duas funções: uma prescritiva, o que é socialmente aceito para aqueles membros de um grupo; e outra descritiva, o que ocorre na maioria dos casos para indivíduos com uma pertença grupal específica. Em nosso estudo, foram pensados cenários normativos e contranormativos acerca do ato de brincar de uma criança e a tomada de decisão de seu pai frente à situação.

Costa-Lopes *et al.* (2013) explicam como as normas sociais vão se alterando de acordo com a norma antipreconceito vigente na sociedade, de modo que expressões flagrantes são reduzidas, ao passo que as sutis se mantêm. Esse estudo, ao tratar de

Sexismo e Masculinidade, tomou como objeto a atribuição de gênero a brinquedos e a decisão de um pai igualitário comprar um brinquedo para seu filho. A atitude igualitária do pai pode despertar diversas reações dos participantes do estudo, visto que homens igualitários são alvos de estigmatização e descrédito, por serem percebidos mais femininos, como demonstraram os estudos de Rudman *et al.* (2013) e o trabalho de Viana *et al.* (2020).

Junto a uma banca de juízes especialistas em psicologia social e preconceito de gênero, foram escolhidos dois cenários socialmente normativos e dois contranormativos. Argumentou-se que os brinquedos aceitos em conjunto pelos membros da sociedade são os carros para os meninos e as bonecas para as meninas, de modo que crianças que brincam com eles de acordo com seu sexo serão percebidas de forma neutra, assim como a decisão de seus pais em comprar tais produtos. A contranormatividade nesse estudo foi articulada na inversão do sexo das crianças para os brinquedos que seriam “naturalmente” associados a elas, meninos brincando de boneca e meninas de carro, de forma que o entendimento foi de que a decisão do pai nessas situações não teria o mesmo grau de apoio.

Por fim, com o objetivo de investigar em que medida a adesão à crença em uma Masculinidade Precária e ao Sexismo Ambivalente vai influenciar a tomada de posição diante de situações normativas e contranormativas, no diz respeito à divisão sexual dos papéis, hipotetizamos que:

H1: Não haverá diferença entre os cenários experimentais quando eles estiverem em condições normativas.

H2a: Haverá maior rejeição pela decisão do pai nos cenários contranormativos.

H2b: Quando o cenário apresentar a decisão do pai de comprar uma boneca para o filho, ele será percebido de forma mais aversiva.

Em relação ao papel da Masculinidade Precária, hipotetizamos que uma maior adesão a essas crenças prediz o posicionamento perante a decisão do pai. Logo,

H3a: Uma maior adesão ao Esforço Constante levará a uma maior rejeição da decisão do pai nas situações contranormativas.

H3b: Uma maior adesão à Restrição Emocional levará a uma maior rejeição das decisões do pai nas situações contranormativas.

H3c: Uma maior adesão ao HeterosSexismo levará a uma maior rejeição das decisões do pai nas situações contranormativas.

H3d: Em todas essas situações, as condições onde o pai compra a boneca para o menino será a que sofrerá maior rejeição.

Em relação ao papel do Sexismo, hipotetizou-se que:

H4: Na situação de maior adesão ao Sexismo Hostil e Benevolente, haverá também uma maior rejeição das situações contranormativas e esse efeito será ainda maior na condição menino com boneca.

Método

Delineamento

Trata-se de um estudo quase experimental 2 X 2, ex-post-factor, de caráter misto.

Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

Inicialmente, os participantes foram expostos a uma história que continha as manipulações experimentais. Em seguida, responderam a sete perguntas sobre o cenário experimental, depois responderam à Escala de Sexismo Ambivalente e à Escala de Concepções de Masculinidade. Para finalizar, havia o questionário sociodemográfico sobre os participantes.

Foram desenvolvidas quatro histórias diferentes, nas quais se manipulava o tipo de brinquedo (boneca ou carrinho) e o sexo da criança (masculino ou feminino). Cada participante era exposto a uma única história distribuída aleatoriamente. Para contribuir com a análise de dados, os cenários foram aglutinados na seguinte variável numérica: 1 (menina com boneca), 2 (menino com carro), 3 (menina com carro) e 4 (menino com boneca). Portanto, quanto maior o número, mais contranormativo seria o cenário. A sequência foi escolhida e comprovada a partir das análises univariadas mais adiante.

Em todas as situações, o texto iniciava da seguinte forma:

“Carlos (casado, 30 anos) está acompanhando seu (sua) filho (filha) de 5 anos em uma loja de brinquedos no shopping. Em dado momento, a criança, que estava brincando pela loja, escolhe um carro (boneca) para levar para casa e solicita que seu pai o compre...”

A partir desse ponto, existiam dois finais para história relatada:

- a) “... Apesar de relutar por um instante, Carlos decide por comprar tal brinquedo para seu filho.” (condições contranormativas). A escolha de ter sido incluída a relutância na decisão do pai se deu para demarcar a contranormatividade da situação.
- b) “... Carlos decide por comprar tal brinquedo para seu filho.” (condições normativas)

Ao prosseguir, os participantes deveriam atribuir seu grau de concordância com as seguintes afirmações, sendo 1 (discordo totalmente) e 7 (concordo totalmente):

- 1) A criança será vítima de bullying.
- 2) A atitude do pai coloca em risco a estrutura da família.
- 3) A mãe da criança deveria agir contra a atitude do pai.
- 4) Em que medida você acha que a sociedade concorda com a atitude de Carlos

Esses quatros itens formaram uma variável dependente para nossas análises estatísticas, Percepção da decisão do pai, com $\alpha = .51$.

Depois de responder a essas questões, solicitava-se aos participantes que justificassem a sua posição a respeito da situação apresentada. As justificativas dadas pelos participantes foram analisadas, utilizando o *software* Iramuteq, como será explicado em breve.

Na segunda seção, havia um conjunto de escalas, todas em formato Likert de sete pontos, sendo 1 “discordo totalmente” e 7 “concordo totalmente”:

Inventário do Sexismo Ambivalente: em formato Likert de sete pontos, desenvolvida por Glick e Fiske (1996) e adaptada para o Brasil por Formiga *et al.* (2002). Este instrumento é composto por dois fatores: Sexismo benevolente ($\alpha = .82$; *e.g.* Mulheres têm maior sensibilidade moral) e Sexismo Hostil ($\alpha = .83$; *e.g.* Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas). Os valores do alfa de cronbach aqui se referem aos que foram verificados em nosso estudo. Tais fatores apresentaram uma forte correlação entre si ($r = .78$). Sendo assim, foram utilizados conjuntamente, e essa variável foi denominada de Sexismo Ambivalente apresentando $\alpha = .90$.

Escala de Concepções de Masculinidade: postulada por Oransky e Fisher (2009) e adaptada para o contexto brasileiro por Guerra *et al.* (2014). É composta por três fatores: *Heterossexismo* ($\alpha = .85$; *e.g.*, é embaraçoso ter muitos amigos gays), *Restrição Emocional* ($\alpha = .69$; *e.g.*, não é tarefa de um homem confortar um amigo chateado) e *Esforço Constante* ($\alpha = .63$; *e.g.*, agir como homem deveria ser o objetivo mais importante para Rapazes).

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, recebendo parecer favorável (CAAE nº 56550922.7.0000.5188). Todos os participantes responderam ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegurava o anonimato e a confidencialidade de suas respostas. Todos responderam individualmente em aplicação coletiva em sala de aula e foram informados sobre a natureza voluntária da participação, e que poderiam deixar o estudo sem qualquer ônus, conforme recomendações éticas (Resolução CNS nº 510/16).

Procedimentos de análise de dados

Quanto aos dados quantitativos com o auxílio do *software* SPSS, foram realizadas análises inferenciais e descritivas a fim de caracterizar a amostra: testes bivariáveis de correlação; análises univariadas (ANOVA), para verificar a existência de diferenças significativas entre os cenários experimentais; e regressão hierárquica, para averiguar o poder preditivo das variáveis.

Em seguida, executou-se o teste dos modelos explicativos, para percepção diante da decisão do pai. Inicialmente, foi experimentado o modelo 7 do PROCESS (Hayes, 2012), ferramenta computacional do SPSS 21 que testa um modelo de mediação com dupla moderação. Por fim, foi feito o teste do modelo explicativo de mediação, utilizando o modelo 4 do PROCESS (Hayes, 2012).

Já os dados qualitativos foram analisados com o auxílio do *software* de acesso livre IRAMUTEQ, para as análises de Classificação Hierárquica Descendente – CHD, a fim de verificar a interação entre as classes textuais que compõem o corpus e como é a interação entre si; e Análise Fatorial de Correspondência – AFC, que correlaciona as classes e as variáveis que compõem o corpus, para identificar se há alguma determinante.

O tamanho amostral foi definido utilizando o *software* GPower 3.1.9.7, seguindo os protocolos de Faul *et al.* (2007). De acordo com o resultado, a amostra mínima deveria ser de 206 participantes, sendo necessários 52 questionários respondidos para cada condição experimental, a fim de fornecer 80% de chance de detectarmos um efeito principal e um efeito de interação ($p < .05$).

Participantes

Participaram deste estudo 303 estudantes universitários, com idades variando de 18 a 54 anos ($M = 24.1$; $DP = 5.62$), sendo 50.1% do sexo masculino e 49.9% do sexo feminino. Os participantes se autodeclararam brancos (49.5%), pardos (38.6%), pretos (10.2%), amarelos (1.3%) ou indígenas (0.3%). Destes, 211 se declararam politicamente de esquerda, 51 de centro e 41 de direita. A maioria (82.8%) se declarou de classe média e obteve uma média de 2.39 ($DP=1.0$) em relação ao grau de religiosidade, que variava entre 1 “nada religioso” até 5 “muitíssimo religioso”.

Resultados

Análises quantitativas

Correlatos entre os cenários experimentais, percepção da decisão do pai, e fatores da Escala de Concepções de Masculinidade

A correlação foi feita utilizando as variáveis de Ambivalente e Fatores da ECM, que supomos ter influência sobre os cenários e a percepção da decisão do pai. Os achados demonstram uma correlação negativa forte dos cenários e do Sexismo sobre a percepção, enquanto as correlações do Sexismo com os fatores se mostram positivas (Tabela 1).

Tabela 1

Correlação bivariável entre os cenários, percepção Sexismo Ambivalente e Masculinidade

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1. Cenários experimentais	1					
2. Percepção da decisão do pai	-.34**	1				
3. Sexismo Ambivalente	-.05	-.24**	1			
4. M. Esforço constante	.01	.13*	.47**	1		
5. M. Restrição emocional	.00	.25**	.55**	.45**	1	
6. M. Heterossexismo	-.01	.19**	.68**	.41**	.56**	1

* $p < .05$ e ** $p < .01$; M= Masculinidade.

À medida que os cenários foram se tornando contranormativos, onde quatro representava o menino brincando com boneca, a correlação com a percepção da decisão do pai foi se tornando mais negativa ($r = -0.34$, $p = .000$). Entretanto, não estão relacionados com o Sexismo Ambivalente ($r = -0.05$, $p = .312$), nem com os fatores da ECM (Esforço Constante $r = .01$, $p = .773$; Restrição Emocional $r = .00$, $p = .920$; Heterossexismo $r = -.01$, $p = .793$) já que os tal adesão independeu dos cenários.

No que diz respeito à percepção da decisão do pai, todas as variáveis tiveram correlações estatisticamente significativas, sendo positivas para o Sexismo Ambivalente ($r = .24$; $p = .000$) e para os fatores da ECM (Esforço Constante $r = .13$, $p = .016$; Restrição Emocional $r = .25$, $p = .000$; Heterossexismo $r = .19$, $p = .001$).

Por fim, como esperado Sexismo Ambivalente se correlaciona de forma positiva com os fatores da ECM (Esforço Constante $r=.47$, $p=.000$; Restrição Emocional $r=.55$, $p=.000$; Heterossexismo $r=.68$, $p=.000$).

Regressão hierárquica para verificar o poder preditivo das variáveis do estudo

A regressão contou com três blocos de variáveis. No primeiro bloco, estava a variável dos cenários experimentais; já o segundo bloco foi composto pelo Ambivalente e, por fim, o terceiro bloco contava com os três fatores de Masculinidade.

No primeiro bloco, foi demonstrado o poder de explicação que os cenários tiveram sobre a percepção dos participantes em relação à decisão do pai em comprar o brinquedo, sendo estatisticamente significativo [$F(41.254) = 1.300$; $p = .001$; $R^2 = .12$], explicando 12% da variância total. Quando incluído o Ambivalente, este poder explicativo passou para 17% [$F(31.320) = 2.299$; $p < .001$; $R^2 = .17$]. Quando adicionados os fatores da ECM, o valor explicativo foi incrementado, passando para 19%. Entretanto, somente o fator de restrição emocional foi significativo [$F(14.409) = 5.296$; $p < .001$; $R^2 = .19$]. Na tabela 2, estão os valores de β e o grau de significância (p).

Tabela 2

Regressão da percepção da decisão dos pais utilizando os cenários, sexismo ambivalente e fatores de masculinidade

	Passo 1	Passo 2	Passo 3
Cenários	-.348 (.000**)	-.334 (.000**)	-.341 (.000**)
Sexismo Ambivalente		.229 (.000**)	.135 (.079)
Esforço Constante			-.003 (.960)
Restrição Emocional			.183 (.007*)
Heterossexismo			-.009 (.910)

Os resultados demonstram que os cenários experimentais predizem a percepção negativa da percepção da decisão do pai ($\beta = -.34$; $p < .001$). Já quando adicionado o Sexismo Ambivalente ($\beta = .229$; $p < .001$), o poder explicativo geral aumenta ($\beta = -.334$; $p < .001$). No que diz respeito aos fatores da ECM, apenas a Restrição Emocional apresenta poder explicativo para percepção da atitude ($\beta = .183$; $p < .05$), aumentando o poder explicativos dos cenários experimentais ($\beta = -.341$; $p < .001$), apesar da presença do Sexismo.

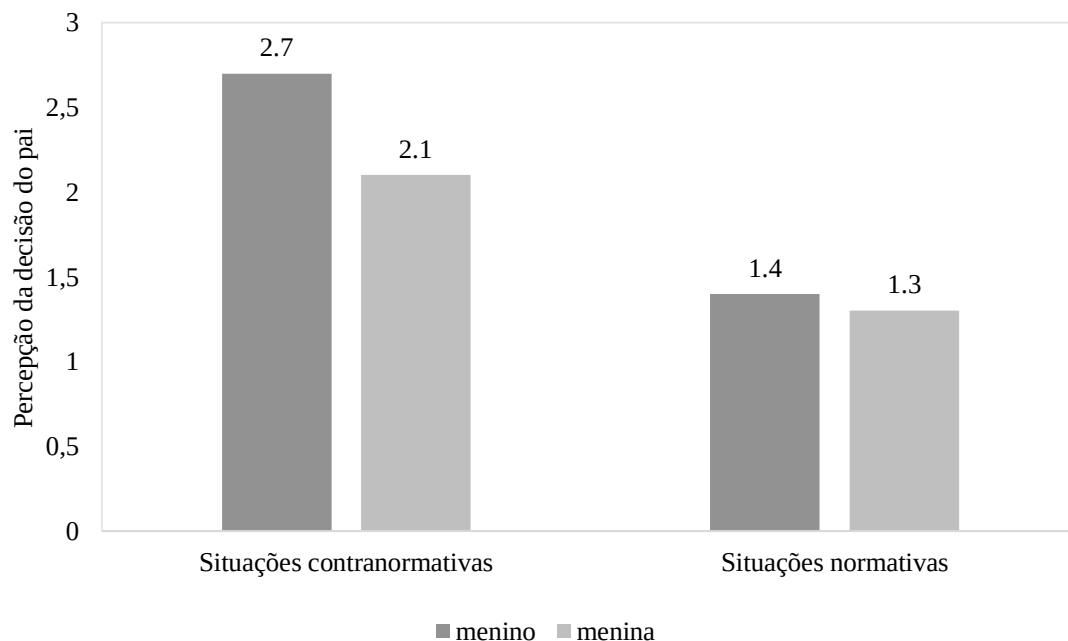
Em relação à hipótese H3b, houve o apontamento estatístico de que o fator de Restrição Emocional está vinculado à resposta dos participantes. Após a regressão, pudemos verificar que os fatores de Esforço Constante (H3a) e de Heterossexismo (H3c) não tiveram poder significativo para explicar a percepção negativa dos participantes sobre a decisão do pai. A seguir, estão análises que aprofundam as explicações estatísticas do estudo

ANOVA da percepção da decisão do pai.

Foi realizada uma ANOVA com teste *post-hoc* Tukey, para evidenciar se as respostas dadas pelos participantes estavam homogêneas para cada situação e seu grau de confiabilidade. O resultado demonstra diferenças estatisticamente significativas [$F(3.298) = 38.442, p = .001$] entre os cenários experimentais e a percepção da decisão do pai. Para as situações normativas, não houve diferença estatística entre as respostas, sendo Menina com Boneca ($M = 1.37; DP = .09$) e Menino com Carro ($M = 1.44; DP = .09$), o que comprova nossa H1, de que as condições normativas não trariam consigo a rejeição dos participantes. As diferenças significativas foram encontradas nas situações contranormativas, sendo que a de maior rejeição foi Menino com Boneca ($M = 2.74; DP = .11$) seguida da Menina com Carro ($M = 2.18; DP = .11$).

Figura 1

Médias das percepções sobre a decisão do pai de comparar o brinquedo em situações normativas e contranormativas



Ou seja, nas condições em que o menino brincava com boneca e a menina com carro, as pessoas concordaram menos com a decisão do pai quando comparadas às situações normativas, que entre si não destoam. É provável que as baixas médias entre as situações normativas se expliquem devido ao fato de que não representam uma ameaça, portanto os participantes concordaram mais com a decisão do pai quando o menino brinca de carro e a menina de boneca, reproduzindo a divisão sexual dos papéis.

A situação da menina brincando de carro foi avaliada de forma negativa, pois representa uma ameaça ao status de feminilidade dado às meninas, porém não foi tão negativamente percebida quando comparada com a situação do menino brincando de boneca. Em conjunto, esses resultados parecem apontar que o fato de as meninas assumirem uma posição historicamente masculina não seria tão ameaçadora à divisão sexual dos papéis quanto os meninos assumindo posições femininas. Esse aspecto será aprofundado na discussão dos resultados.

Modelos explicativo para a percepção da decisão do pai.

A partir dos resultados apresentados até aqui, perguntamo-nos qual seria o papel do Sexismo Ambivalente e da Restrição Emocional sobre a percepção da decisão do pai. Hipotetizamos que a relação entre os cenários experimentais e a tomada de posição seria mediada pela Restrição Emocional, visto que, nas análises das regressões hierárquicas, esse foi o único fator significativo de Masculinidade. Supomos, então, que a maior adesão às crenças de Restrição Emocional da Masculinidade explica a rejeição dos participantes da decisão do pai nas situações contranormativas. O efeito seria ainda maior na situação do menino brincando com boneca, em consonância com os resultados da ANOVA (Figura 1).

Diante das nossas hipóteses (H3b e H4), de modo a entender onde se localizam as crenças de Masculinidade e o Sexismo, utilizando Hayes (2017), que destrincha modelos de mediação, moderação e análises condicionais, utilizando regressão, foi escolhido o modelo 7, que propõe uma explicação de mediação moderada sobre os efeitos entre as variáveis do estudo. Como mostrado na Figura 2, a hipótese H3b, de que a Restrição Emocional ($\beta = .3959$; $p < .01$) seria o fator de Masculinidade que media a forma como os cenários ($\beta = .0006$; $p = .98$) impactam na Percepção da decisão do pai ($\beta = .4810$; $p < .01$), foi comprovada. Porém, quanto à H4, de que o Sexismo Ambivalente ($\beta = .0026$; $p = .29$) seria o moderador dessa relação, não foi comprovada.

Figura 2

Representação gráfica do modelo com coeficientes e significância do modelo de mediação moderada

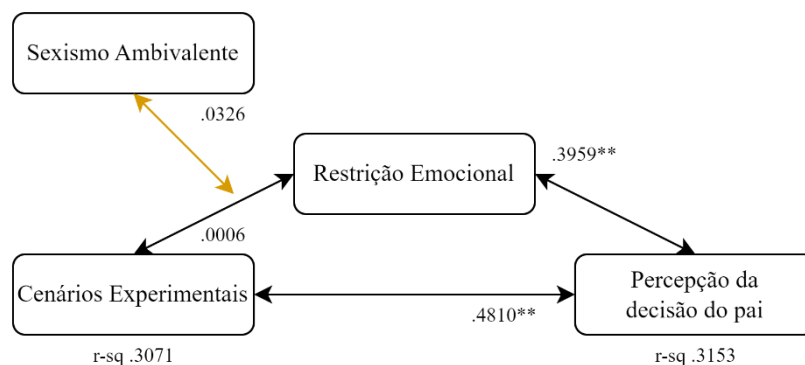


Tabela 3

Modelo de mediação moderada utilizando os cenários, sexismo ambivalente e os fatores de masculinidade

	β	SE	<i>t</i>	<i>p</i>	LLCI
1º passo (VD= Restrição Emocional)					
Constante	1.42	.031	45.4	.000	1.48
Cenários Experimentais	.000	.028	.020	.983	-.054
Sexismo Ambivalente	.400	.035	11.4	.000	.331
Interação	.032	.030	1.05	.290	-.027
2º passo (VD= Percepção da Decisão do Pai)					
Constante	1.37	.122	11.1	.000	1.13
Cenários Experimentais	.481	.045	10.5	.000	.390
Restrição Emocional	.395	.078	5.04	.000	.241

No que concerne ao segundo passo, foi demonstrado que a mediação da restrição emocional ($\beta = .481$; $p = .000$) realmente explica significativamente a percepção da decisão dos pais em cada cenário experimental ($\beta = .395$; $p = .000$). Portanto, as hipóteses H2a e H2b foram comprovadas, pois, como pudemos ver, quanto mais contranormativos os cenários, maior será a rejeição dos indivíduos frente à situação. Em função de continuar investigando de que modo acontecem essas interações de mediação da restrição emocional, e explicar o porquê de a moderação não ter sido estatisticamente relevante, a Tabela 3 examina os efeitos modelo de moderação mediada a partir de Hayes (2022).

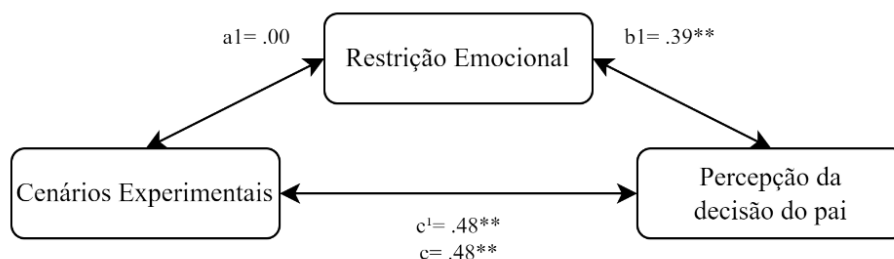
Por fim, levando em consideração os resultados das análises anteriores, foi desenvolvido o modelo explicativo de número 4 em Hayes (2013), que permite avaliar os efeitos diretos e indiretos de variáveis, através da ferramenta SPSS Process, maximizando

o poder de explicação estatística das respostas dos participantes. O efeito indireto representa o impacto da variável mediadora na relação original (isto é, a relação da variável independente na variável dependente). Se o valor 0 não estiver contido no Intervalo de Confiança a 95%, admite-se que a diferença entre os efeitos total e direto foi diferente de 0 e, portanto, o efeito indireto é significativo. Preconizou-se como nível de significância aceitável um valor $p < .05$.

Tendo em conta os resultados observados na regressão hierárquica, testamos o seguinte modelo de mediação, para analisar se os cenários experimentais e a percepção da decisão do pai são mediados pelo fator de restrição emocional da Masculinidade. O efeito total indireto não foi significativo ($\beta=0.00$, 95% IC [-0.02, .03]). O efeito total e o efeito direto dos Cenários (X) em Percepção da Decisão do Pai (Y) foram significativos ($\beta= .48$, 95% IC [0.39, .57], $t= 10.51$, $p= .00$). Estes resultados estão ilustrados na figura a seguir.

Figura 3

Representação gráfica do modelo de mediação coeficientes e significância



Nota. Modelo de cenários como preditora da Percepção da decisão do pai, mediada pela restrição emocional. O intervalo de confiança (BCa) foi estimado pela técnica de Bootstrapping.

Tomando como referência teórica Baron e Kenny (1986), bem como Ferreira *et al.* (2017), não houve mediação, pois está ausente o impacto significativo da variável preditora, cenários experimentais, na mediadora, restrição emocional. No entanto, estão presentes os outros três dos quatro fatores listados pelos autores, para que se comprove uma mediação: a variável preditora previu sozinha a dependente sem a inclusão da mediadora; a variável mediadora teve efeito direto na dependente quando isolada da preditora; e o poder explicativo da variável preditora diminuiu quando a mediadora foi incluída.

Visto isso, os resultados estatísticos comprovam a existência de interação entre o Sexismo Ambivalente e das concepções de Masculinidade na interação entre a variável independente e a dependente. Mesmo que não tenhamos chegado a uma significância estatisticamente relevante, há evidência de que os construtos instrumentalizados têm efeito na explicação da situação. Sendo assim, diante da complexidade e da multifatorialidade dos fenômenos psicossociais, a comprovação de que os cenários, por si só, impactaram as respostas demonstra o quanto a discussão aqui presente é relevante para sociedade. A seguir, partimos das respostas discursivas dos participantes do estudo, a fim de explicitar como o Senso Comum se apropria, a partir das normas sociais, das situações contranormativas.

Análises textuais

O *software* de análises textuais IRAMUTEQ foi utilizado para analisar as justificativas dadas pelos participantes às situações normativas e contranormativas. Perante as correlações expostas, foram enfatizadas as situações que vão contra as expectativas de gênero. Como não foram encontradas diferenças significativas nas duas situações normativas, aqui são apresentadas as justificativas para a tomada de posição

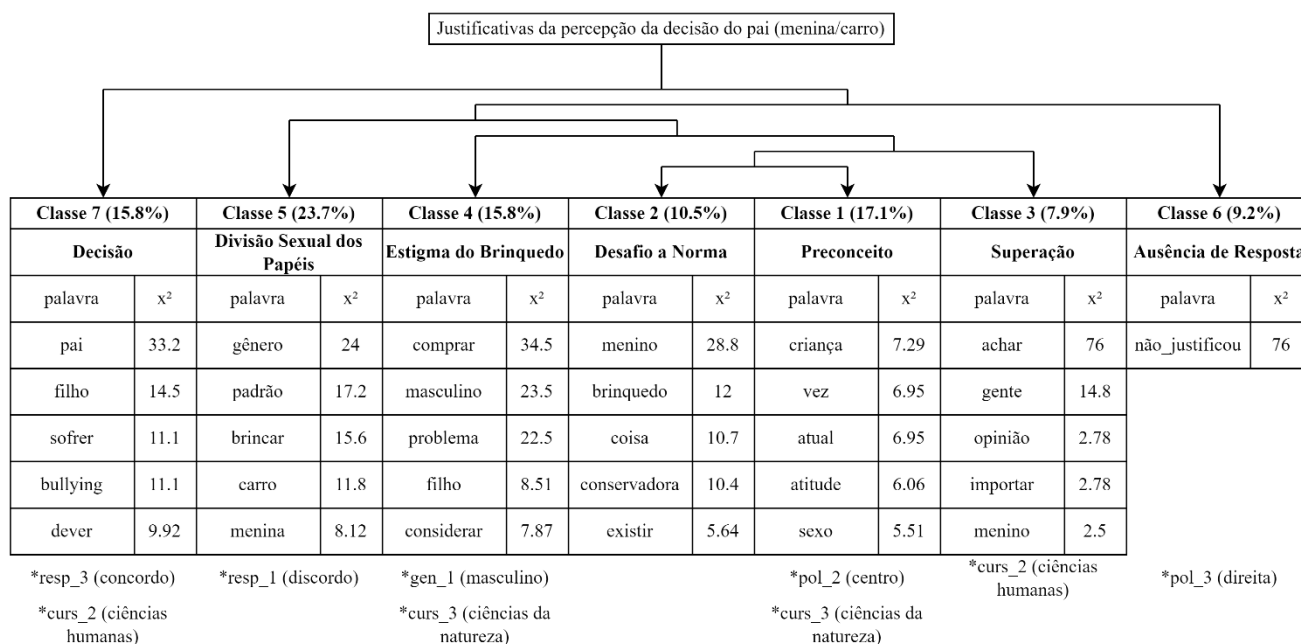
apenas nas duas situações contranormativas. As variáveis utilizadas para instrumentalizar o corpus textual foram: cenário experimental, nível de concordância com a decisão do pai, gênero do participante, curso de graduação e posicionamento político.

Classificação Hierárquica Descendente da condição Menina/Carro

O *corpus* foi criado a partir das justificativas dadas pelos participantes (N= 76) sobre o grau de aceitação da sociedade para decisão do pai comprar um carro para a filha. O aproveitamento do *corpus* foi de 97.44%, organizado em cinco eixos que se enraízam por sete classes divididas em quatro *subcorpora*, nas quais: a classe sete se opõe à seis e suas ramificações; que ao mesmo tempo se opõe às classes cinco e quatro; que se opõem às classes três, dois e um; estas últimas fazendo oposição à classe três.

Figura 4

Classificação Hierárquica Descendente para as justificativas da percepção da decisão do (menina/carro)



A Classe 7, denominada **Decisão**, contribui com 15.8% das respostas do corpus. Ela se opõe às demais classes, trazendo respostas que foram necessariamente sobre a decisão do pai e sobre como esse ato deveria levar em consideração as consequências de dar um carro para a filha. Também levando em conta o que há de genuíno na relação pai e filha, muitas respostas argumentam que é apenas um pai querendo apresentar sua cria. A concordância e o fato de o curso dos participantes ser da área das ciências humanas tiveram impacto para interpretação dos participantes. Um exemplo dessa classe pode ser visto a seguir:

“Apesar de possível bullying que a menina possa sofrer por preconceituosos, o pai aqui acerta em permitir que ela tenha acesso à diversão que realmente deseja, inclusive para formar uma mulher que sabe que pode seguir a vida como desejar”

A Classe 6 foi denominada **Ausência De Respostas** e representa 9.2% do corpus textual. A falta de justificativa dada pelos participantes e a variável do posicionamento político de direita impactaram diretamente essa ausência. O *software*, apesar de não ter

resposta complexa para analisar, aglutinou esse tipo de conteúdo pela identidade de direita dos participantes o que pode indicar um preconceito velado, a zona muda.

A Classe 5 recebeu o nome de **Divisão Sexual Dos Papéis**, possuindo 23.7% de todas as respostas analisadas. Os discursos aqui representam o reconhecimento de que a sociedade está dividida em uma suposta organização social construída pela ideologia e pelas crenças sexistas. Há aqui o reconhecimento do preconceito na sociedade e de sua divisão pelo binarismo de gênero. As respostas que enfatizam a reação negativa da sociedade face à decisão do pai foram organizadoras dessa classe, como no exemplo a seguir:

“Ainda há na sociedade muita gente que vê com maldade, ou que poderia influenciar na sexualidade da criança, a atitude do pai, assim como, graças à evolução dessa sociedade, há pessoas que não veem nada demais em uma menina brincando de carro ou em um menino brincando de boneca”

Tratando-se do **Estigma Do Brinquedo**, a Classe 4, composta por 15.8% das respostas, traz a reflexão de que uma menina brincando de carro acarretaria uma série de consequências, como: prejuízos na forma de lidar com sua sexualidade e identidade de gênero. Ou seja, apesar de reconhecerem que brinquedos não têm gênero, os participantes assumem tendências negativas para o ato de romper com as expectativas de gênero. Os segmentos de texto relevantes para a classe foram organizados pelo gênero masculino dos participantes e seu curso de ciências da natureza, que são, majoritariamente, cursos considerados masculinos (Viana *et al.*, 2018).

“Hoje em dia, infelizmente, ainda há opiniões de que, se você criar sua filha de forma que ela goste de coisas do sexo oposto, ela se tornará homossexual no mesmo instante, onde desde já ele está apenas incentivando que ela veja que independe disso”

A Classe 3, **Superação**, formada por 7.9% das respostas, rompe com a ideia de uma divisão sexual “natural” e de que a infância deve ser restrita a um repertório

vinculado às expectativas de gênero. Os segmentos de texto presentes nessa classe mostram que há o movimento de superar o preconceito estrutural que fundamenta nossa sociedade. É preciso demarcar que as respostas foram organizadas pelo fato de os emissores serem majoritariamente de cursos de humanas, que trazem consigo reflexões e produções científicas críticas no que diz respeito às questões de gênero.

“Acho que muitos olhariam como uma quebra da feminilidade, contudo eu encararia com normalidade”

Com 17.1% das respostas analisadas, a Classe 1, **Preconceito**, é a segunda classe mais representativa dos conteúdos dados pelos participantes. Os trechos versam sobre como o preconceito é algo que existe na sociedade e suas implicações para decisão do pai comprar determinado brinquedo para sua filha. O posicionamento político centrista e o curso de ciências da natureza foram marcadores relevantes para os conteúdos expressos.

“Mesmo que uma menina brincando de carrinho seja apenas uma criança com um brinquedo, as imposições machistas irão considerar essa atitude absurda, como um desvio de caráter e personalidade, e essas imposições irão contra a atitude do pai”

Por fim, a classe 2, **Desafio À Norma**, que comporta de 10.5% das respostas, pontua a respeito de como uma menina brincando de carro, um brinquedo lido como masculino, representa uma ameaça à ordem “natural” das coisas. Esse discurso não foi organizado por nenhum marcador de identidade dos participantes, o que pode significar que é uma resposta com capilaridade entre diversos grupos de pessoas.

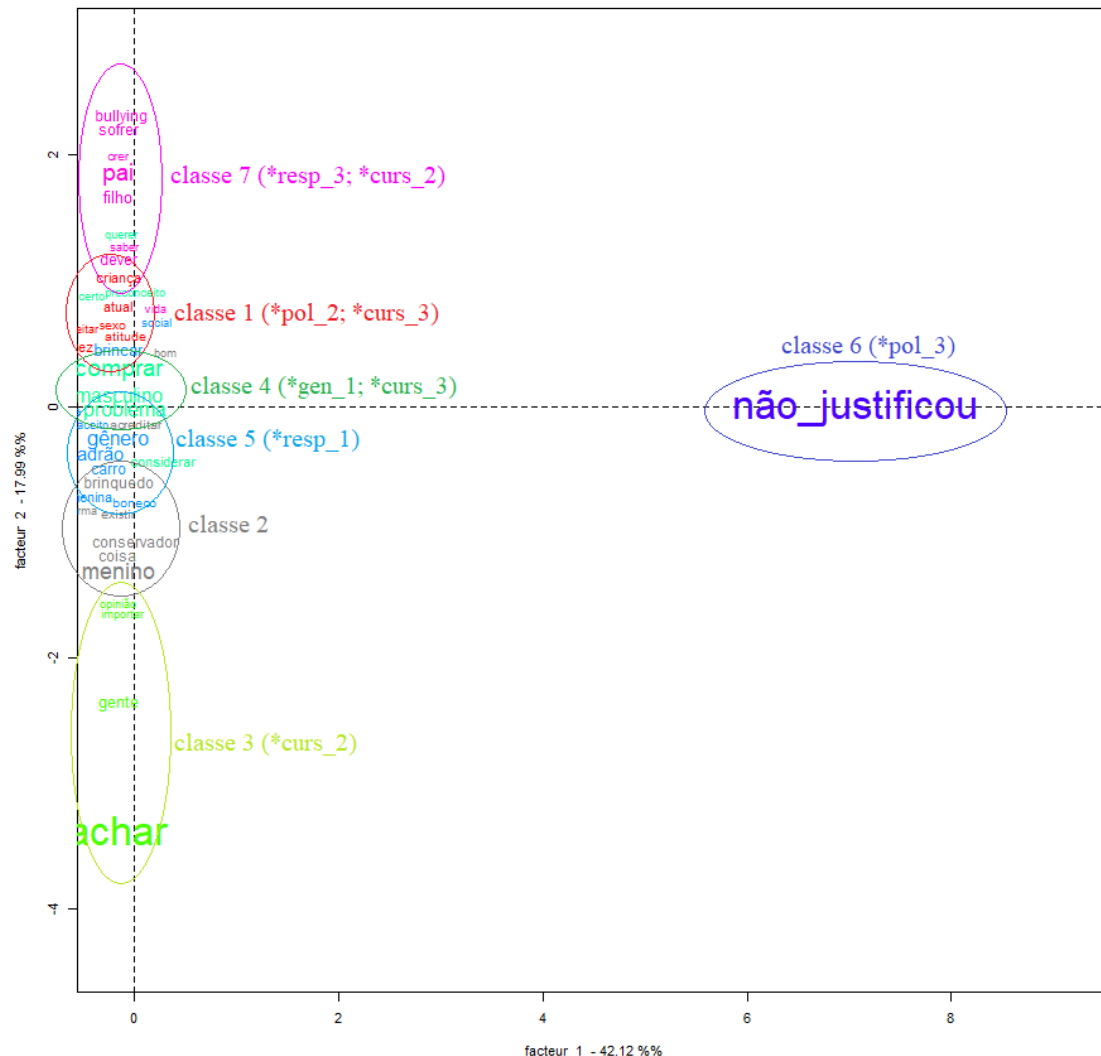
“Infelizmente, nossa sociedade está fundamentada em preconceitos e estereótipos, que se fundamentam na ideia de que existem caixinhas do que é de menina e do que é de menino, a exemplo do azul ser de menino e rosa ser de menina”

Análise Fatorial de Correspondência da condição Menina/Carro

Como visto anteriormente, o *corpus* textual dessa condição teve, em quase todas as suas classes, um fator de identidade social que explicou a forma como as classes estão interagindo entre si. Apenas a classe **Desafio À Norma** não apresentou um marcador. O plano cartesiano da AFC realizada demonstra que o posicionamento político de direita está se opondo a todos os fatores, pois representa a ausência de respostas para justificar a percepção da decisão do pai. No eixo y, podemos ver que todos os outros fatores que foram estatisticamente relevantes para organização das classes estão variando entre posicionamentos desfavoráveis e acríticos, nos quadrantes abaixo do eixo x, e favoráveis e críticos, acima do eixo x. O gênero masculino foi central para todas as classes e o gênero feminino das participantes está mais vinculado à aceitação e ao posicionamento questionador da norma.

Figura 5

Análise Fatorial De Correspondência da condição Menina/Carro

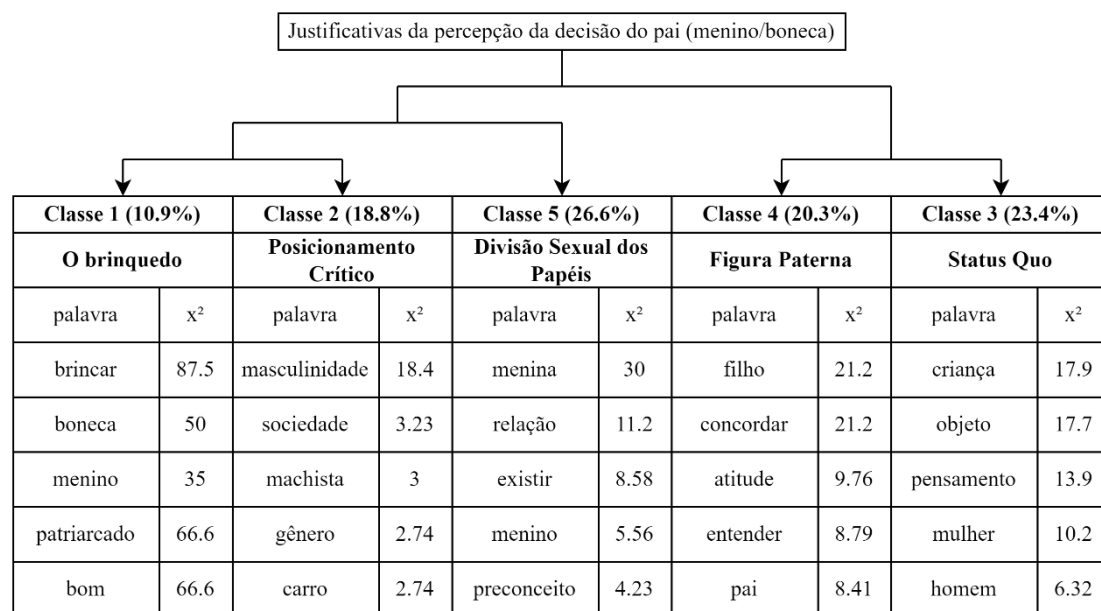


Classificação Hierárquica Descendente das justificativas dadas para condição menino brincando com boneca

O *corpus* foi criado a partir das justificativas dadas pelos participantes (N= 75) sobre o grau de aceitação da sociedade para decisão do pai comprar uma boneca para o filho. O aproveitamento do *corpus* foi de 84.21%, dividido em duas *subcorpora* organizadas em três eixos, que se enraízam por cinco classes.

Figura 6

Classificação Hierárquica Descendente para as justificativas da percepção da decisão do (menino/boneca)



*pol_3 (direita)

*gen_1 (masculino)

A Classe 3 foi denominada **Status Quo**, sendo representativa de 23.4% do corpus. Os conteúdos remetem a posicionamentos de reconhecimento de que a sociedade ainda apresenta muitas crenças preconceituosas com relação ao Sexismo e de que irá impactar diretamente em como as pessoas se posicionam ao ver uma criança com um brinquedo contranormativo, apesar de identificar que a situação aponta contradição. Podemos ver isso explicitado na resposta abaixo:

“Geralmente, esse tipo de situação será mais incômodo nos adultos do que nas crianças, pelo fato do pensamento arcaico que a sociedade ainda mantém”

A Classe 4, **Figura Paterna**, compõe 20.3% do corpus e enfatiza o pai e sua centralidade na situação, de modo que o filho seria visto como um homossexual em potencial. Ainda foi apontado que o pai deveria ter tomado uma decisão mais rígida para que o filho, apesar de ter uma boneca, tivesse consciência de que a sociedade como um

todo não está preparada para essa situação. Os segmentos de texto aqui presentes podem ser explicados pela maioria dos respondentes serem homens, mas essa discussão será retomada mais adiante.

“A sociedade discorda moderadamente da atitude do pai, porque boneca é um brinquedo considerado para menina, dando a entender que seu filho agiria como menina”

A Classe 5 trata da **Divisão Sexual Dos Papéis**, sendo mais representativa do corpus, representando 26.6% de seu conteúdo. Ela é marcada pela visão de que nossa estrutura social é pautada em crenças sexistas que pregam que meninos devem agir de uma forma diferente das meninas para que as coisas permaneçam como estão. Nesse sentido, a homofobia também cumpre seu papel de legitimação e manutenção da sociedade, já que a heteronormatividade é fato central no Sexismo e nas concepções de Masculinidade.

“Mesmo sendo algo normal, o patriarcado leva alguns a crerem que existe coisa de menina ou menino, ou associarem pejorativamente boneca a homossexualidade ou fraqueza”

A Classe 2, **Posicionamento Crítico**, com 18.8% do corpus, traz consigo uma visão realmente focada em como todo o conjunto de particularidades em nossa sociedade está embasado em uma suposta divisão sexual dos papéis, o que justificaria a assimilação automática de bonecas a meninas e carrinhos a meninos. O machismo, que, no Brasil, vem sendo um tema que tomou o debate público vide diversas políticas públicas e campanhas midiáticas potentes, é uma ideologia central para o preconceito aqui enfocado.

“Acredito que o preconceito e estrutura machista e patriarcal ainda influenciam no reflexo dessa atitude na sociedade, mas temos caminhado para a mudança desses paradigmas tão maléficos”

Por fim, a Classe 1, **O Brinquedo**, aglutina 10.9% das respostas e enfatiza o fato de que o brinquedo escolhido pelo menino foi uma boneca e como essa simples escolha representa uma ameaça à sociedade preconceituosa, na qual o estudo está inserido. As respostas justificam uma avaliação negativa da decisão do pai, pois seria uma orientação à feminilidade sendo legitimada. O posicionamento político de direita das pessoas que responderam os segmentos dessa classe teve relevância explicativa.

“A sociedade não aceita que tarefas e brinquedos não necessitam de gênero, por isso banaliza homens fazendo tarefas domésticas e meninos brincando com bonecas, uma bela sociedade hipócrita e machista”

Análise Fatorial de Correspondência da condição Menino/Boneca

Foi realizada a AFC, levando em conta as variáveis utilizadas na construção do banco de dados: grau de concordância com a decisão do pai; gênero do participante; curso; posicionamento político. A estatística textual mais relevante é o fato de que o gênero foi determinante nas respostas das classes *o pai* e *o brinquedo*, opondo homens e mulheres respectivamente. Enquanto na primeira se fala, principalmente, sobre as consequências da decisão do pai, a segunda traz uma discussão focada no preconceito e em como precisamos superar a divisão sexual. Acreditamos que as mulheres, por estarem na posição de vítimas do sistema, tendem a apresentar uma visão mais crítica, ao passo que os homens, sendo beneficiários, buscam explicar ou justificar que as coisas se mantenham como estão.

Análise Fatorial De Correspondência da condição Menino/Boneca



63

sociodemográfico explicou estatisticamente o porquê de os fenômenos aqui apresentados ocorrerem.

Sendo a Norma Social tão abrangente entre as diversas camadas da nossa sociedade, as situações onde menino brincava de carro e menina de boneca não elencaram nenhuma percepção de ameaça exposta à decisão do pai. Como pensado em nossa hipótese de pesquisa os participantes que responderam aos questionários vinculados a essas condições foram bastante neutros a respeito dos impactos da situação apresentada. Podemos considerar que a heteronormatividade e o sexismo foram fundamentais para que não “houvesse nada demais” nas situações normativas já que representam o status quo.

A explicação para esses resultados não encontrou vazão nos modelos estatísticos que foram testados, o de mediação moderada e o de mediação simples, porém é importante salientar que, no primeiro, houve impacto significativo na mediação realizada, pelo fator de Restrição Emocional da Masculinidade, o que seria reflexo de uma visão de masculinidade e modo de agir pautado pela falta de repertórios emocionais e reatividade bruta frente a situações de ameaça ao gênero. Os cenários experimentais por si só conseguiam ter impacto sobre a percepção dos indivíduos, como visto nos efeitos total e direto da mediação.

Sobre as respostas discursivas dos participantes, podemos ver, por meio dos resultados, que os participantes variam simultaneamente entre os que reconhecem que há uma questão de preconceito estrutural, institucional e individual na sociedade brasileira, e os que, além de reconhecerem essa questão, propõem e tomam posicionamentos críticos diante de conjunturas onde o Sexismo e a homofobia estão evidenciadas. Ao analisarmos mais afundo, pudemos ver que homens tiveram explicações mais neutras, enquanto mulheres foram mais incisivas em reconhecer o preconceito na sociedade. Bem como

peessoas de direita tenderam a pontuar o impacto da decisão do pai e a existência do preconceito sexista como algo dado na sociedade.

Chama atenção que um número considerável de homens, na condição da menina brincando de carro, preferiu não justificar o porquê de avaliarem a situação como uma ameaça. Bem como posicionamentos políticos alinhados à direita tenderam a se vincular em respostas acríticas sobre a percepção da decisão do pai. Por fim, é geral a noção de que a sociedade está estruturada num sistema binário de gênero, onde até mesmo os brinquedos infantis possuem categorias específicas, de menino ou de menina, bem como aspectos contraproducentes de que o simples ato de brincar com um brinquedo contranormativo para o sexo da criança e a decisão favorável do pai têm consequências como bullying escolar e fragilização do bem-estar familiar.

Considerações Finais

Nosso estudo evidencia que o Sexismo Ambivalente e a Masculinidade Precária interagem e tem influência sobre nossa VD para explicar o que fundamenta a distinção de percepção dos cenários normativos e contranormativos, quando destrinchamos as justificativas dadas pelos participantes, conseguimos aferir o impacto que o preconceito exerce sobre a sociedade brasileira. O estudo apresenta alguns pontos a serem levados em conta, a citar: a amostra com escolaridade acima da média e o fato de que os fenômenos sociais são multifatoriais. Sugerimos, dessa forma, para próximos estudos o uso de instrumentos mais sensíveis ao fenômeno da discriminação heterossexista como .

Um ponto a ser levado em consideração é que, em estudos sobre preconceito em condições experimentais, pode ser ativada a norma antipreconceito vide a deseabilidade social que as pessoas não demonstrem formas de discriminação expressas, principalmente se tratando de uma amostra como a caracterizada acima. Ao analisarmos as justificativas

dos participantes na condição de menina brincando com carro, uma classe inteira foi composta pela numerosa ausência de respostas. A zona muda pode ser causada justamente pela ativação da norma antipreconceito, onde se prefere silenciar do que expressar opiniões acerca de situações como a apresentada.

No que concerne ao ambiente em que esta pesquisa foi realizada, Tetreault *et al.* (2013) demonstram que populações inseridas no contexto universitário tendem a ser mais tolerantes, o que implica em respostas de maior aceitação às situações contranormativas de gênero. Sugerimos que se replique o estudo em populações diferentes do presente estudo (*e.g.* estudantes do ensino médio). Em pesquisas futuras há também a necessidade de manipular situações com as mães para entendermos como a família em geral é alvo de percepções diversas pelos participantes.

Em estudos futuros, é necessário enfatizar como vivências de preconceito heteronormativo e sexista, bem como experiências de respeito e tolerância, impactam a formação de crianças e adolescentes ao longo de seu desenvolvimento. Entender, por exemplo, o bullying escolar, diante desse aspecto, pode contribuir bastante para formação da autoestima e autoconfiança de jovens homens e mulheres. Destacamos a necessidade de vincular a Masculinidade Precária a outros fenômenos sobre as relações de gênero na sociedade brasileira.

Dados os resultados de pesquisa aqui apresentados e discutidos diante de um cenário onde a problemática discriminação continuará presente no debate público, enfatizamos a necessidade dos psicólogos sociais em investigar os fatores psicossociais presentes na problemática de discriminação sexual e de gênero. Tais estudos são fundamentais para que possamos, enquanto sociedade, construir um ambiente mais igualitário e respeitoso à diversidade humana, usando dados científicos para embasar e fomentar políticas públicas. Ao lançar luz sobre como a divisão sexual dos papéis impacta

a infância e o modo de exercer a paternidade, podemos responder e reagir de forma crítica às expressões da desigualdade social, que a duras penas vêm se modificando em nossa sociedade.

Referências

- Albuquerque, I. M., Torres, A. R. R., Estramiana, J. L. Á., & Luque, A. G. (2019). Influence of Group Membership, Moral Values and Belief in a Just World in Blaming the Victim. *Temas Em Psicologia*, 27(4), 1039–1054. <https://doi.org/10.9788/TP2019.4-15>
- Albuquerque, I. M., Torres, A. R. R., Estramiana, J. L. Á., & Luque, A. G. (2020). *Psychosocial Processes of Discrimination Against Women in the Workplace | Revista Colombiana de Psicología*.
<https://revistas.unal.edu.co/index.php/psicologia/article/view/80004>
- Albuquerque, I. M., Torres, A. R. R., Estramiana, J. L. Á., Luque, A. G., & Rodrigues, D. M. P. (2021). Inquéritos policiais: Tipos de violência contra as mulheres. *Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social*, 21(1), Art. 1.
<https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2703>
- Amorim, A. K. F., Barbosa, L. H. G. M., Vione, K. C., Ferreira, O. D. L., Mariano, T. E., & Silva, F. L. (2021). Preconceitos que se Cruzam: A Relação entre o Racismo, Sexismo e Valores. *Psico-USF*, 26, 253–263. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260205>
- Araújo, H. M. D. S. (2020, julho 31). *Se Ela Dança, Eu Danço? Representações Sociais da Mulher no Funk* [TCC]. Universidade Federal da Paraíba. <https://repositorio.ufpb.br>
- Baére, F. de, & Zanello, V. (2020). SUICÍDIO E MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE POR MEIO DO GÊNERO E DAS SEXUALIDADES. *Psicologia em Estudo*, 25. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44147>
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations.

Journal of Personality and Social Psychology, 51, 1173–1182.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.51.6.1173>

Bocchi, A. F. de A. (2016). A MILITÂNCIA FEMINISTA NA WEB: O FUNCIONAMENTO DA ARGUMENTAÇÃO EM DISCURSOS SOBRE A VIOLÊNCIA NO PARTO. *Linguagem em (Dis)curso*, 16, 309–328.

<https://doi.org/10.1590/1982-4017-160207-4515>

Borges, C. de C. (2013). Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade. *Psicologia em Estudo*, 18, 71–81.

Bosson, J., Jurek, P., Vandello, J., Kosakowska-Berezecka, N., Olech, M., Besta, T., Bender, M., Hoorens, V., Becker, M., Sevincer, A. T., Best, D., Safdar, S., Włodarczyk, A., Zawisza, M., Zadkowska, M., Abuhamdeh, S., Agyemang, C., Akbaş, G., Albayrak-Aydemir, N., & Žukauskienė, R. (2021). Psychometric Properties and Correlates of Precarious Manhood Beliefs in 62 Nations. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 52, 231–258. <https://doi.org/10.1177/0022022121997997>

Bosson, J. K., & Vandello, J. A. (2011). Precarious Manhood and Its Links to Action and Aggression. *Current Directions in Psychological Science*, 20(2), 82–86.

<https://doi.org/10.1177/0963721411402669>

Botton, A., & Strey, M. N. (2018). Educar para o empoderamento de meninas: Apostas na infância para promover a igualdade de gênero. *Inclusão Social*, 11(2), Art. 2.

<https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4109>

Bourdieu, P. F. (1995). A dominação masculina. *Educação & Realidade*, 20(2), Art. 2.

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71724>

Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 14(28), 125–137. [https://doi.org/10.1590/S0103-](https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200003)

[863X2004000200003](https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200003)

- Campos, B., Tchalekian, B., & Paiva, V. (2020). VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: VULNERABILIDADE PROGRAMÁTICA EM TEMPOS DE SARS-COV-2/ COVID-19 EM SÃO PAULO. *Psicologia & Sociedade*, 32. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240336>
- Campos, C. H. de, Machado, L. Z., Nunes, J. K., & Silva, A. dos R. (2017). Cultura do estupro ou cultura antiestupro? *Revista Direito GV*, 13(3), 981–1006. <https://doi.org/10.1590/2317-6172201738>
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: Repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241–282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- Connelly, K., & Heesacker, M. (2012). Why Is Benevolent Sexism Appealing?: Associations With System Justification and Life Satisfaction. *Psychology of Women Quarterly*, 36(4), 432–443. <https://doi.org/10.1177/0361684312456369>
- Connor, R. A., Glick, P., & Fiske, S. T. (2017). Ambivalent sexism in the twenty-first century. Em *The Cambridge handbook of the psychology of prejudice* (p. 295–320). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316161579.013>
- Costa, L. L. A., Diniz, F. C. de O. R., Torres, A. R. R., & Estramiana, J. L. Á. (2022). Representações Sociais da Mulher na Literatura Científica: Uma Revisão Sistemática. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(3), Art. 3. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.69799>
- Costa-Lopes, R., Dovidio, J. F., Pereira, C. R., & Jost, J. T. (2013). Social psychological perspectives on the legitimization of social inequality: Past, present and future: Introduction to issue on legitimization of social inequality. *European Journal of Social Psychology*, 43(4), 229–237. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1966>

- Cowie, L. J., Greaves, L. M., & Sibley, C. G. (2019). Sexuality and sexism: Differences in ambivalent sexism across gender and sexual identity. *Personality and Individual Differences*, 148, 85–89. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.023>
- Davis-Delano, L. R., Kuchynka, S. L., Bosson, J. K., & Morgan, E. M. (2020). Heterosexual People's Reactions to Same-Sex Romantic or Sexual Overtures: The Role of Attitudes About Sexual Orientation and Gender. *Archives of Sexual Behavior*, 49(7), 2561–2573. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01804-w>
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior Research Methods*, 39(2), 175–191. <https://doi.org/10.3758/bf03193146>
- Fernandes, S. C. S., & Pereira, M. E. (2018). Endogrupo versus Exogrupo: O papel da identidade social nas relações intergrupais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 30–49. <https://doi.org/10.12957/epp.2018.38108>
- Ferreira, A. S. S., Leite, E. L., Muniz, A. S., Batista, J. R. M., Torres, A. R. R., & Estramiana, J. L. Á. (2017). Insult or prejudice: A study on the racial prejudice expression in football. *Psico*, 48(2), 81–88. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.2.25170>
- Ferreira, M. C. (2004). Sexismo Hostil e Benevolente: Inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia*, 12(2), 119–126.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 878–902. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.82.6.878>

- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. dos. (2002). Inventário de Sexismo Ambivalente: Sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em Estudo*, 7, 103–111. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and Benevolent Sexism: Measuring Ambivalent Sexist Attitudes Toward Women. *Psychology of Women Quarterly*, 21(1), 119–135. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00104.x>
- Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., Adetoun, B., Osagie, J. E., Akande, A., Alao, A., Annetje, B., Willemsen, T. M., Chipeta, K., Dardenne, B., Dijksterhuis, A., Wigboldus, D., Eckes, T., Six-Materna, I., Expósito, F., ... López, W. L. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 763–775. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.5.763>
- Glick, P., Lameiras, M., & Castro, Y. R. (2002). Education and Catholic Religiosity as Predictors of Hostile and Benevolent Sexism Toward Women and Men. *Sex Roles*, 47(9), 433–441. <https://doi.org/10.1023/A:1021696209949>
- Guerra, V. M., Scarpati, A. S., Duarte, C. N. B., Silva, C. V. da, & Motta, T. A. (2014). Ser homem é...: Adaptação da escala de concepções da Masculinidade. *Psico-USF*, 19, 155–165. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100015>
- Gusmão, E. É. da S., Nascimento, B. da S., Gouveia, V. V., Moura, H. M. de, Monteiro, R. P., Ferreira Filho, L. G., & Costa, K. M. R. da. (2016). Valores Humanos e Atitudes Homofóbicas Flagrante e Sutil. *Psico-USF*, 21, 367–380. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210213>

Hayes, A. F. (2017). *Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis, Second Edition: A Regression-Based Approach*. Guilford Publications.

Junqueira, V. C. (2021). FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017, 406p. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 22(1), Art. 1.

Kosakowska-Berezecka, N., Besta, T., Adamska, K., Jaśkiewicz, M., Jurek, P., & Vandello, J. A. (2016). If my masculinity is threatened I won't support gender equality? The role of agentic self-stereotyping in restoration of manhood and perception of gender relations. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(3), 274–284.

<https://doi.org/10.1037/men0000016>

Kronsell, A. (2005). Gendered practices in institutions of hegemonic masculinity. *International Feminist Journal of Politics*, 7(2), 280–298.

<https://doi.org/10.1080/14616740500065170>

Lei n. 13.718, de 24 de setembro de 2018. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Recuperado de

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm

Lima, E. C. de A., & Lima, I. C. C. (2020). O neoconservadorismo religioso e heteronormatividade: A “bolsonarização” como produção de sentido e mobilização de afetos. *Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais*, 28, Art. 28.

<https://doi.org/10.47284/2359-2419.2020.28.325350>

- Lima, E. D., Medrado, B., Lyra, J., & Quirino, T. R. (2020). Masculinidades na publicidade governamental sobre saúde do homem no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 72(2), 155–174. <https://doi.org/10.36482/1809-5267.arbp2020v72i1p.155-174>
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia Social do Preconceito e do Racismo*. Editora Blucher.
- Linhares, L., & Torres, A. R. R. (2022). She deserved it: Analysis of variables that influence the accountability of victims of sexual violence. *Acta Colombiana de Psicología*, 25(1), Art. 1. <https://doi.org/10.14718/ACP.2022.25.1.14>
- Linhares, L. V., Torres, A. R. R., & Diniz, F. C. de O. R. (2022). “Mas ela estava bêbada”: Violência Sexual e Culpabilização da vítima. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 12(1), 81–105. <https://doi.org/10.26864/pcs.v12.n1.4>
- Lutzky, U., & Lawson, R. (2019). Gender Politics and Discourses of #mansplaining, #manspreading, and #manterruption on Twitter. *Social Media + Society*, 5(3), 2056305119861807. <https://doi.org/10.1177/2056305119861807>
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: Tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187–204. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº02rex.33>
- Maricourt, C. de, & Burrell, S. R. (2022). #MeToo or #MenToo? Expressions of Backlash and Masculinity Politics in the #MeToo Era. *The Journal of Men's Studies*, 30(1), 49–69. <https://doi.org/10.1177/10608265211035794>
- Marta, M. A., & Moraes, A. R. R. (2019). Gênero e o assédio moral nos espaços organizacionais de trabalho: Exclusão que causam feridas. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 10(1), Art. 1. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.10.i1.0006>

- Mastari, L., Droogenbroeck, F. V., Spruyt, B., & Keppens, G. (2022). Ambivalent sexism among Christian and Muslim youth. The gendered pathway of perceived pressure for religious conformity. *European Societies*, 24(2), 154–177.
<https://doi.org/10.1080/14616696.2021.2012219>
- Mattos, F. A. S. O. (2019). O Silêncio dos Homens. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(65), Art. 65.
- Moreira, A. (2019). *Racismo Recreativo*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Munsch, C. L., Weaver, J. R., Bosson, J. K., & O'Connor, L. T. (2018). Everybody but Me: Pluralistic Ignorance and the Masculinity Contest. *Journal of Social Issues*, 74(3), 551–578. <https://doi.org/10.1111/josi.12282>
- Napier, J. L., Suppes, A., & Bettinsoli, M. L. (2020). Denial of gender discrimination is associated with better subjective well-being among women: A system justification account. *European Journal of Social Psychology*, 50(6), 1191–1209.
<https://doi.org/10.1002/ejsp.2702>
- Nogueira, J. A., Oliveira, R. R. N. de, Brito, L. G. de, & Góis, V. S. de. (2020). Poder, Masculinidade e participação em facções criminosas a partir de relatos adolescentes privados de liberdade pela prática de atos infracionais. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, 10(1), Art. 1. <https://doi.org/10.5102/rbpp.v10i1.6465>
- O'Connor, E. C., Ford, T. E., & Banos, N. C. (2017). Restoring Threatened Masculinity: The Appeal of Sexist and Anti-Gay Humor. *Sex Roles*, 77(9), 567–580.
<https://doi.org/10.1007/s11199-017-0761-z>
- Oransky, M., & Fisher, C. (2009). The development and validation of the meanings of adolescent masculinity scale. *Psychology of Men & Masculinity*, 10, 57–72.
<https://doi.org/10.1037/a0013612>

- Oswald, D. L., Baalbaki, M., & Kirkman, M. (2019). Experiences with Benevolent Sexism: Scale Development and Associations with Women's Well-Being. *Sex Roles*, 80(5), 362–380. <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0933-5>
- Pereira, A. S. L. S., Alfaia, A. J. B., Souza, L. E. C., & Lima, T. J. S. (2014). Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 737–745. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300022>
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. dos S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19, 67–76. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>
- Prá, J. R., & Epping, L. (2012). Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres. *Revista Estudos Feministas*, 20, 33–51. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000100003>
- Quirino, T., Medrado, B., & Lyra, J. (2016). Atenção em saúde aos homens no cotidiano da atenção básica: Diálogos com usuários e profissionais. *Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social*, 16(3), Art. 3. <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2023>
- Rudman, L. A., Mescher, K., & Moss-Racusin, C. A. (2013). Reactions to gender egalitarian men: Perceived feminization due to stigma-by-association. *Group Processes & Intergroup Relations*, 16(5), 572–599. <https://doi.org/10.1177/1368430212461160>
- Sales, A. L. L. de F., Fontes, F. F., & Yasui, S. (2018). Para (Re)Colocar um Problema: A Militância em Questão. *Trends in Psychology*, 26, 565–592. <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-02Pt>
- Santos, J. J., & Cerqueira-Santos, E. (2022). Preconceito contra diversidade sexual e de gênero e crenças sobre educação sexual entre estudantes universitários. *Estudos de*

Psicologia (Campinas), 39.

<http://www.scielo.br/j/estpsi/a/6YyPq8f9MT6k8QTTmR4qxJd/abstract/?lang=pt>

Separavich, M. A., & Canesqui, A. M. (2013). Saúde do homem e Masculinidades na Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Uma revisão bibliográfica. *Saúde e Sociedade*, 22, 415–428. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902013000200013>

Silva, A. C., & Ferreira, J. (2019). Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: Etnografia de uma academia de ginástica. *Saúde e Sociedade*, 28, 160–173. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170698>

Silva, F. L., Barbosa, L. H. G. M., Gouveia, V. V., Viana, D. N. de M., & Amorim, A. K. F. (2020). Sexual Machismo Scale: Psychometric Evidence in the Brazilian Context. *Avaliação Psicológica*, 19(4), 420–429.

<https://doi.org/10.15689/ap.2020.1904.15892.08>

Silva, R. P., & Melo, E. A. (2021). Masculinidades e sofrimento mental: Do cuidado singular ao enfrentamento do machismo? *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 4613–4622. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.10612021>

Sousa, R. S. de, Oliveira Filho, P. de, Araújo, J. B., & Vieira, D. V. M. (2022). A Identidade da Direita em Narrativas de seus Militantes numa Universidade Brasileira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 42. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003e230399>

Souza, C. V. B. de. (2020). Ser Homem no Sertão: Identidades Sertaneja e Masculina em Universitários do Sertão Sergipano. Em M. E. O. Lima, D. X. de França, & R. M. Ko. Freitag, *Processos psicossociais de exclusão social* (p. 293–320). Editora Blucher. <https://doi.org/10.5151/9786555060393-14>

Tetreault, P. A., Fette, R., Meidlinger, P. C., & Hope, D. (2013). Perceptions of Campus Climate by Sexual Minorities. *Journal of Homosexuality*, 60(7), 947–964. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.774874>

- Vandello, J. A., & Bosson, J. K. (2013). Hard won and easily lost: A review and synthesis of theory and research on precarious manhood. *Psychology of Men & Masculinity*, 14, 101–113. <https://doi.org/10.1037/a0029826>
- Vandello, J. A., Bosson, J. K., Cohen, D., Burnaford, R. M., & Weaver, J. R. (2008). Precarious manhood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(6), 1325–1339. <https://doi.org/10.1037/a0012453>
- Vandello, J. A., Hettinger, V. E., Bosson, J. K., & Siddiqi, J. (2013). When Equal Isn't Really Equal: The Masculine Dilemma of Seeking Work Flexibility. *Journal of Social Issues*, 69(2), 303–321. <https://doi.org/10.1111/josi.12016>
- Vaz, D. V. (2013). O teto de vidro nas organizações públicas: Evidências para o Brasil. *Economia e Sociedade*, 22, 765–790. <https://doi.org/10.1590/S0104-06182013000300007>
- Vezzosi, J. Í. P., Ramos, M. de M., Segundo, D. S. de A., & Costa, A. B. (2020). Crenças e Atitudes Corretivas de Profissionais de Psicologia sobre a Homossexualidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228539>
- Viana, H. A., Sousa, A. W. L. de, & Torres, A. R. R. (2018). Engenheiras E Enfermeiros: Estereótipos, Discriminação E Desafios De Profissionais Contranormativos. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, 29. <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9623>
- Viana, H. A., Torres, A. R. R., & Estriamana, J. L. Á. (2020). Egalitarian men: Stereotypes and discrimination in the labor market. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), Art. 2. <https://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.2.6>
- Voks, D. J. (2021). Virilidade e os discursos masculinistas: Um “novo homem” para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21204a>

World Health Organization. (2014). *Preventing suicide: A global imperative*. World Health Organization. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/131056>

Anexos

Questionário da pesquisa (situação menina brincando com boneca)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Caro(a) participante,

Esta pesquisa tem o propósito de investigar a opinião de pessoas como você sobre homens exercendo sua paternidade. Para tanto, gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo este questionário. Por favor, leia atentamente as instruções a seguir e responda escrevendo ou marcando a opção que mais se aproxima do que você pensa, sente ou faz. Responda todas as questões, não deixando nenhuma em branco.

Você pode responder com a máxima sinceridade e liberdade, pois não há respostas certas ou erradas e garantimos o anonimato e confidencialidade de todas as suas respostas. Nos comprometemos a cumprir todos os preceitos éticos recomendados pelas resoluções n. 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Caso surja qualquer desconforto durante a sua participação, ou se desejar algum esclarecimento, nos colocamos à inteira disposição por meio dos seguintes contatos: heitormrnh@gmail.com – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Campus I - Jardim Cidade Universitária, João Pessoa - PB, 58033- 455 Contato: (83) 99382-0990.

Ao responder a esta pesquisa estará concordando em participar voluntariamente do estudo acima mencionado, de responsabilidade do mestrando Heitor Marinho da Silva Araújo, sob orientação da Profa. Dra. Ana Raquel Rosas Torres, do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, estando totalmente ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científicos e acadêmicos.

1. Concordo em participar do estudo:

- ☐ Sim
- ☐ Não

Carlos (casado, 30 anos) está acompanhando sua filha de 5 anos em uma loja de brinquedos no shopping. Em dado momento a criança, que estava brincando pela loja, escolhe uma boneca para levar para casa e solicita que seu pai a compre. Carlos decide por comprar tal brinquedo para sua filha.

A seguir serão apresentadas uma série de afirmações sobre os homens e seu comportamento. Por favor, marque a alternativa que mais se aproxima da sua opinião:

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Não discordo nem concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6				7	
É difícil levar a sério um homem que usa esmalte de unha				1	2	3	4	5	6	7
Um homem não deveria se importar em ser zoado pelos amigos				1	2	3	4	5	6	7
É embaraçoso ter muitos amigos gays				1	2	3	4	5	6	7
Um homem nunca deveria recusar um desafio em público				1	2	3	4	5	6	7
Aparentar ser gay faz com que um homem pareça menos homem				1	2	3	4	5	6	7
Não tem nada de errado com um homem que zoa os seus amigos				1	2	3	4	5	6	7
Agir como homem deveria ser o objetivo mais importante para rapazes				1	2	3	4	5	6	7
Homens não deveriam falar sobre suas preocupações uns com os outros				1	2	3	4	5	6	7
Não é tarefa de um homem confortar um amigo chateado				1	2	3	4	5	6	7
Uma boa maneira de parecer homem é evitar agir como um gay				1	2	3	4	5	6	7
Não importa o que aconteça, um homem deve aparentar ser forte para outros				1	2	3	4	5	6	7
Quando um homem sente medo, deveria manter isso pra si mesmo				1	2	3	4	5	6	7
Um homem deveria se sentir envergonhado de correr como uma garota				1	2	3	4	5	6	7
É normal para os homens zoar seus amigos				1	2	3	4	5	6	7
Ser zoado ajuda os homens a se tornarem durões				1	2	3	4	5	6	7
É difícil respeitar um homem que demonstra seus sentimentos				1	2	3	4	5	6	7
Existe algo de errado se um homem quer fazer uma atividade feita por mulheres				1	2	3	4	5	6	7
Para ser aceito, os homens devem ser capazes de zoar outros				1	2	3	4	5	6	7
Homens de verdade nunca agem como uma menina				1	2	3	4	5	6	7

A seguir serão apresentadas algumas afirmações. Por favor, marque a alternativa que mais se aproxima da sua opinião:

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo o pouco	Não discordo nem concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente				Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	6				7	
Todo homem deve ter uma mulher a quem amar				1	2	3	4	5	6	7
Homem está incompleto sem uma mulher				1	2	3	4	5	6	7
Mulher procura controlar o homem comprometido com ela				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres atraem sexualmente e depois rejeitam aos homens				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres devem ser queridas e protegidas por homens				1	2	3	4	5	6	7
Ninguém é feliz sem ter um(a) companheiro(a)				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres procuram poder controlando aos homens				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres exageram problemas no trabalho				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres não dão valor a tudo o que os homens fazem por elas				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres são mais refinadas e têm melhor bom gosto				1	2	3	4	5	6	7
Uma boa mulher deve ser posta em um pedestal por seu companheiro				1	2	3	4	5	6	7
Homem não se sente completo sem o amor de uma mulher				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres interpretam ações inocentes como sendo sexistas				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres têm pureza que poucos homens possuem				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres se ofendem muito facilmente				1	2	3	4	5	6	7
Feministas procuram que as mulheres tenham mais poder				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres têm maior sensibilidade moral				1	2	3	4	5	6	7
Homens devem prover segurança econômica a mulheres				1	2	3	4	5	6	7
Feministas fazem demandas irracionais aos homens				1	2	3	4	5	6	7
Mulheres alegam discriminação em derrotas justas				1	2	3	4	5	6	7
Em catástrofes, mulheres devem ser resgatadas primeiro				1	2	3	4	5	6	7
Em nome da igualdade, as mulheres procuram privilégios				1	2	3	4	5	6	7

Por favor, marque a alternativa que mais se aproxima da sua opinião:

Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo pouco	Não discordo nem concordo	Concordo pouco	Concordo moderadamente	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6	7

A criança será vítima de bullying	1	2	3	4	5	6	7
A atitude do pai coloca em risco a estrutura da família	1	2	3	4	5	6	7
A mãe da criança deveria agir contra a atitude do pai	1	2	3	4	5	6	7

Em que medida você acha que a sociedade concorda com a atitude de Carlos?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Justifique sua resposta:

Em que medida você acha que Carlos foi um bom pai?

1	2	3	4	5	6	7
---	---	---	---	---	---	---

Justifique sua resposta:

Pense em Carlos e nos diga em que medida você acredita que ele possui cada uma das seguintes características. Indique o número que melhor expresse sua opinião, tendo em conta que 1 indica nada e 7 muito:

1. Honesto	1	2	3	4	5	6	7
2. Amável	1	2	3	4	5	6	7
3. Seguro	1	2	3	4	5	6	7
4. Confiável	1	2	3	4	5	6	7
5. Amigável	1	2	3	4	5	6	7
6. Inteligente	1	2	3	4	5	6	7
7. Sincero	1	2	3	4	5	6	7
8. Solícito	1	2	3	4	5	6	7
9. Hável	1	2	3	4	5	6	7
10. Respeitoso	1	2	3	4	5	6	7
11. Caloroso	1	2	3	4	5	6	7
12. Eficiente	1	2	3	4	5	6	7
13. Justo	1	2	3	4	5	6	7
14. Agradável	1	2	3	4	5	6	7
15. Capaz	1	2	3	4	5	6	7
16. Bem intencionado	1	2	3	4	5	6	7
17. De bom caráter	1	2	3	4	5	6	7
18. Competente	1	2	3	4	5	6	7

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Qual o seu gênero?

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro: _____

Qual sua orientação sexual?

- ☐ Heterossexual
- ☐ Homossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Outra: _____

Qual a sua idade?

_____ anos

Escolaridade

- ☐ Fundamental Incompleto
- ☐ Fundamental Completo
- ☐ Médio Incompleto
- ☐ Médio Completo
- ☐ Superior Incompleto
- ☐ Superior Completo
- ☐ Pós-graduação

Qual o seu curso? (Quando houver)

Você se declara de qual Raça/Etnia?

- ☐ Branca
- ☐ Parda
- ☐ Preta
- ☐ Amarela (asiático)
- ☐ Indígena

A média de rendimento familiar no Brasil, hoje em dia, é de R\$2.261,00. Considerando todos os rendimentos da sua casa, o rendimento da sua família é:

- ☐ Muito acima da média
- ☐ Acima da média
- ☐ Perto da média
- ☐ Abaixo da média
- ☐ Muito abaixo da média

Com relação ao espectro político você se considera?

- ☐ Extrema Esquerda
- ☐ Esquerda
- ☐ Centro-Esquerda
- ☐ Centro
- ☐ Centro-Direita
- ☐ Direita
- ☐ Extrema Direita

Qual sua religião? (Se houver)

O quanto você se considera religioso(a)?

- ☐ Nada religioso(a)
- ☐ Algo religioso(a)

- ☐ Moderadamente religioso(a)
- ☐ Muito religioso(a)
- ☐ MUITÍSSIMO religioso(a)